LITTERATURA.

Canção no dia dos annos da Fidelissima RAINHA Nossa Senhora, em 17 de Dezembro de 1797. 52
Ode no dia da inauguração da Estatua Equestre de El-Rey N. Senhor D. José I. 54
Epistrazia a Melcour Epistola. Traducção de Bacuge. 58

Noticia das novas Povoaçoens de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, civilisação da nação Macamecran; estrada para o Pará. 61

Exame de algumas passagens de hum moderno Viajante ao Brazil, e refutação de seus erros mais grosseiros, por hum Brazileiro. 68
Noticia extrahida do Correio de 27 de Maio. 78
Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto. 79
Correspondencia. 80
Continuação do Estado da athmosfera. 81

126

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO,

POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 4.º

OUTUBRO.

Reservado da Secção
Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestre.

Memoria sobre os muros de apoio, ou muros, que servem de sustentar as terras.

MR. Cointeraux tentou edificar muros de apoio, ou para sustentar as terras, com o menor dispendio possivel, sendo ao mesmo tempo mais solidos e duradoiros: ainda que á experiencia pertença o determinar o ponto de vantagem do que ensina aquelle auctor, todavia estamos persuadidos que podemos fazer algumas observaçoens, que julgamos não serão inteiramente desacertadas. Mr. Cointeraux, conhecido pelos seus trabalhos sobre o fabrico do *pizo* (1) julgou, que os muros de apoio poderião ser feitos desta materia, e pensa que melhor seria substituir á pedra e cal hum muro de pizo, sustentado por huma parede ordinaria, que tivesse para a de pizo a razão de 1 para 2, porém em favor da sua asserção dá por facto o que he questão, e não demonstra que o pizo, em lugares humidos, se conserva inalterado. As terras as mais proprias para o pizo são as que contém argila bastante para formar huma liga, que se augmenta com o pilão, o qual reunindo as moleculas, augmenta-lhes o contacto immediato, e os faz participar da natureza da pedra; mas a argila, e os saes contidos no pizo, são principios que o daminificão, sendo exposto á continua humidade.

Os Romanos, que edificavão com pizo, davão á terra certa preparação em agoa, na qual os sães, que tendem a diminuir a adhesão das moleculas que as cercão, se dissolvião, e deixavão, senão totalmente, ao menos em grande parte, a terra que se tinha de empregar: assim penso que se o methodo de Mr. Cointereaux tem a vantagem da eco-

homia, falta-lhe a da duração. Convimos de que o seu methodo he muito util em muitos outros casos, mas não admittimos que possa suprir neste á pedra e cal.

As paredes de terra, que se he obrigado a fazer para os alicerces, conservão ás vezes huma direcção, pouco mais ou menos, vertical, e a terra parece suster-se por si mesma de modo, que seria inutil revesti-la de hum muro muito espesso, e que bastaria hum avental de alvenaria; mas as terras não resistem assim ás chuvas, quebrão-se, e tomão inclinação, mais ou menos plana, segundo a sua qualidade: para que a terra não desabe cumpre suste-la com hum muro, cuja força de inercia seja tal, que resista ao seu pezo.

Se facilmente se demonstra a necessidade de hum muro, que sustente a terra, não he tão facil o marcar que espessura lhe convem mais nos differentes casos; não parece mesmo que se possa resolver o problema com tanta exactidão, quanta he para dezejar; o meio que ha para levar-nos á resolução, seria observar hum grande numero de casos, em que o equilibrio, que o constructor busca estabelecer entre a resistencia do muro e a acção da terra, se rompesse, e indagar as causas, que a isso contribuirão, mas as circunstancias, em que estas indagaçoens se poderião fazer, são raras, e as forças, que resultão da acção da terra, sendo susceptiveis de variação, bem como as causas da destruição do muro, he quasi sempre mui difficultozo marcar a causa da queda, e tirar consequencia certa de hum acontecimento desta natureza.

Este resultado, sobre o qual estão quasi todos de accordo, escapou aos primeiros, que se occuparão deste objecto. Bullet, Couplet, Belidoro, derão successivamente theorias, que no pouco accordo com os resultados, e falsidade dos principios, sobre que se fundavão, mostrão quão pouca confiança merecem. A primeira theoria, que acerca desta materia satisfaz, foi publicada por Coulomb, em 1773, na colecção das memorias dos Sabios Estrangeiros da Academia das Sciencias de Paris. Mr. Prony tomou de novo a questão, e levando avante a analise de Coulomb, alcançou a meta.

Trasladamos aqui, para utilidade dos Constructores, a formula, a que elle chegou, fazendo:

h = a altura do muro.
x = a espessura da parte superior do muro.
n = a relação entre a altura, e a base do taludo, ou escarpa do frontal, ou face exterior do muro.
n' = a mesma quantidade para a sua face exterior.
ϖ = ao pezo especifico da terra.
Π = ao pezo especifico do muro.
T = á tangente trigonometrica da merade do angulo que a escarpa da terra faz com a vertical.

Obteve:

$$x = h\left\{-(n+n') + \sqrt{\left[\frac{\varpi}{\Pi}\right]t^2}\right\}$$

O valor de x, dado por esta equação, exprime a grossura, que o muro deve ter absolutamente, para não cahir voltando em roda da aresta exterior da sua base. Suppoem-se o muro posto em huma base incompressivel, tal qual huma rocha, ou huma plataforma de madeira sustentada por estacas: a formula suppoem mais, que a forma do muro foi de antemão determinada, e he a de hum prisma, cujas arestas são horisontaes, e a base hum trapezio; ou hum rectangulo, se os frontaes, ou faces do muro, são verticaes: forma admittida por ser a que he sempre empregada, não tendo os constructores tratado senão de fixar a grossura superior, que o muro deve ter em relação á sua altura, e ás escarpas dos seus frontaes, ou faces, segundo os quaes achava-se inteiramente determinada.

Não me demorarei em fazer notar, que o muro opposto á acção da terra, terá tanta mais estabilidade, relativamente á sua massa, quanto maior for a base, e a distancia horisontal do seu centro de gravidade, e quanto mais consideravel for a aresta, em roda da qual elle voltaria, se calisse; donde resulta, que a fórma de hum triangulo rectangulo ABC, (fig. 1.ª) he a mais favoravel aos muros em questão; mas esta forma raras vezes póde ser empregada na pratica; porque para resistir ás causas de destruição, a que fora exposto, seria mister que o vertice do muro tivesse certa espessura, que depende sempre da natureza dos materiaes, que se empregão na construção.

A maneira, porque as terras obrão sobre os muros de revestimento, ou reforço, não está ainda perfeitamente conhecida; porém a experiencia prova que o comprimento dos muros influe consideravelmente sobre a sua duração, e apressa a ruina; porque de dois muros da mesma altura, e grossura, o mais longo he sempre o que resiste menos. Hum facto, que merece attenção, e que pelas suas causas parece ligar-se ao precedente, he que os estragos, que soffrem os muros de arrimo, ou apoio, de certo comprimento, manifestão-se sempre no meio. Explicamos este effeito singular, observando, que estes muros são sempre presos nos seus extremos por outros muros, que formão com elles angulos; mais ou menos abertos, que os fazem mais estaveis, ao mesmo tempo que as terras comprehendidas nesses angulos, perdem huma parte de sua força, como passamos a demonstrar. Seja AAAA (fig. 2.ª) hum muro visto de alto abaixo, BABA as arestas angulares, e BBBB as arestas superiores da escarpa, que as terras tomarião, se não fossem sustentadas pelo muro. Se prolongarmos estas ultimas linhas até *d*, de huma parte, e até *c* de outra, teremos dois espaços A*c*B*d*, A*c*B*d*, nos-

quaes o esforço das terras se dividirá igualmente sobre A*r*, e A*s*; e como o volume de terra, que opéra sobre cada huma destas partes, he igual ao terço do que está comprehendido no cubo de terreno, que tem por base, A*c*B*d* (2), segue-se que a acção das terras sobre A*r*, e A*s*, he hum sexto menor do que a que supporta o muro no resto do seu comprimento; porque o volume de terra, que tende ahi a cahir, he igual á metade do que está contido em o prisma BB*cc*, da mesma base, que o cubo, do qual A*c*B*d* representa huma das faces.

Se observarmos agora, que os angulos hum sexto menos carregados do que o resto do muro, apoião as partes, que os avisinhão, mas que a força, que estas tirão, ou o soccorro, que pedem, se enfraquece á medida que o muro se estende, póderemos (considerando o excedente da resistencia, que o muro oppoem á acção das terras para as suas extremidades, assim como o resultado da sua força de inercia) suppo-lo mais espesso nos angulos, do que no meio, e reforçado como o indica a linha *mn*; então o ponto mais fraco, sendo o meio do comprimento do muro, he evidente que esse terá o lugar, em que dobrará, e cederá por fim. Naturalmente se apresenta o meio de corrigir esta desigualdade de resistencia, que acabamos de observar; bastaria para isso fazer (depois de calculada, como de ordinario, a grossura que deve ahi ter) reforça-lo á partir do meio segundo a linha *p A*, ou qualquer outra, de modo que opposesse em toda as suas partes hum excedente da força de inercia capaz de contrabalançar o excedente de força, que as terras, que operão para o centro, tem sobre as que operão para os extremos. Mr. Gauthey, Inspector Geral de pontes e calçadas, cujos trabalhos o fizerão justamente celebre, encarregado de construir em Chalons ás bordas do Saône, huma

muro de caes de comprimento assás consideravel ; fez nessa occasião indagaçoens e experiencias sobre a materia, de que tratamos, e adoptou hum genero de construcção igualmente economico e seguro (3) : a arte lhe ensinava que hum muro de reforço não oppoem ao esforço das terras senão a sua força de inercia, e a experiencia mostrava que muros mui fracos em si mesmos adquirião por meio da barbaçã, esporoens, ou contrafortes, o grão de solidêz, que lhes faltava, e vio que, combinando o effeito dos contrafortes, e o dos lugares mais comprimidos horisontaes, praticados ás vezes na face interior dos muros, e que recebendo huma parte do pezo da terra augmentavão a estabilidade, podia não só sem inconveniente, porém mesmo com vantagem, diminuir a grossura do muro de reforço, ou revestimento. Vejamos o como elle chegou ao fim, a que se propoz.

A figura 3 representa o muro visto pelo lado addido á terra, e construido segundo o methodo de Mr. Gauthey ; *a a a*, são arcadas sustentadas por contrafortes postos de distancia em distancia, fazendo parte do muro com ellas. Vê-se na fig. 4 a projectura ou avançamento dessas partes, e como as terras estão sustentadas nos espaços *b b b*, he facil de notar que em razão dos arcos *a a a*, sobre que descança, grande parte do pezo da terra, e do seu effeito, he empregada em acrescentar a estabilidade do muro ; porque se suppomos o trapezio ABCD (fig. 4) representando aqui a base do prisma formado pelas terras, que carregão sobre o muro, divididos em laminas parallelas, e correndo sobre a linha da escarpa DC, he evidente que huma parte do pezo das laminas *d d d*, apoiadas sobre os arcos *a a a*, será suportada por elles, e fará o effeito de huma força que passando pelo plano do meio dos espaços *b b b*, parallelamente ao muro, tenderia a consolida-la sobre a base ; e como o pezo dessas laminas augmenta com o das que ellas suportão, resulta que o momento da força, que tende a manter o muro, he igual, ou mesmo excede, ao da acção das terras, de sorte que a estabilidade, que resulta do pezo mesmo do muro, he inteiramente em demazia.

Não he preciso mais para estabelecer a superioridade deste methodo sobre os que estão geralmente admittidos. A economia, que delle resulta, he de mais de hum terço quanto á pedra e cal, e hum quarto quanto ás estacas ; além disso estes muros não apresentão difficuldade alguma na construcção, a unica precaução essencial he de ligar com cuidado a massa dos arcos e dos contrafortes com a do resto do muro. O espaço entre os ultimos póde hir de 5 até 18 pés, segundo a natureza dos materiaes, que se empregão ; a sua espessura póde marcar-se a 3 pés pouco mais ou menos. A sua parte saliente acha-se naturalmente determinada, dando ao profil total do muro as mesmas dimensoens, que se darião a hum muro disposto segundo a formula dada por Prony, e precedentemente citada. A grossura dos arcos construidos de pedra, deve ser de 22 á 24 polegadas, e a do muro no vertice nunca menor de 24 a 28 polegadas : assim não se deve pôr a primeira ordem de arcadas a menos de 6 pés abaixo do vertice ; regular-se-ha depois a distancia entre as arcadas, e o numero, segundo a altura do muro e o escarpado da terra, observando que devem ser tanto mais proximas, quanto mais consideravel for o angulo da escarpa. Mr. Gauthey empregou pela primeira vez, ha perto de 30 annos, na construcção dos muros do caes de Chalons ás margens do Saone o methodo que referimos : a experiencia tem perfeitamente justificado os seus calculos, pois que desde então nada se tem mostrado que faça temer a ruina do muro.

O esbroamento das terras, que no dia 14 de Junho proximo passado (1813), causou tanto damno á Cidade da Bahia, convidou-me, como hum dos seus naturaes, a concorrer a bem do remedio, que para o futuro poderá obviar males iguaes, em quanto as vistas verdadeiramente dignas do Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos lhe não dão aquelle, que elle premedita, e que a natureza e localidade mostrão aos homens, que como elle sabem vêr. Estou certo de que o Homem, que primeiro se mostrou sobre as ruinas daquella catastrofe, e que com o exemplo e conselho a soube minorar, porá (como vemos) todo o empenho em obstar a accidentes taes, e que por isso não desdenhará hum trabalho, que, se não he de grande utilidade, ao menos annuncia patriotismo.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, Governador e Capitão General da Bahia, &c.

Offerece

Domingos Borges de Barros.

NOTAS.

(1) Especie de tijolos não cozidos, e feitos de terra solta hum tanto carregada de argila, batida em moldes, ou fôrmas de madeira: he o que os Francezes chamão *pise*.

(2) O que aqui digo he fundado na possibilidade, que ha em dividir os prismas de base quadrangular em 3 piramides iguaes. No caso em questão as terras contidas no cubo, que tem por base AcBd, se divide em 3 piramides, huma forma o angulo da escarpa, correndo sobre os seus planos inclinados ABd, ABc, carregão huma na parte Ac do muro, e outra na Ad; estas partes sustentão evidentemente cada huma o terço do volume de terra contido no espaço AcBd, quando em todo o comprimento do muro cada parte simelhante á Ac, ou Ad, suporta o esforço de metade das terras contidas em hum cubo da mesma dimensão do que suppomos formado no angulo do muro.

(3) Os resultados principaes das experiencias, que Mr. Gauthey fez, se achão impressos nas Memorias da Academia de Dijon.

AGRICULTURA.

Memoria sobre a Cochonilha e o methodo de a propagar, offerecida aos lavradores Brazileiros, por hum patriota zeloso, e amante da felicidade publica.

DEDICATORIA.

A Quem com mais satisfação poderia eu communicar as minhas observaçoens do que a vós?

He a Cochonilha este util ramo de commercio, que teve o seu principio neste nosso Paiz no Vice-

Reinado do Excellentissimo Marquez de Lavradio, e depois no do Excellentissimo Luiz de Vasconcellos e Souza, que fizerão quanto poderão para introduzir, e elevar neste Paiz ao maior auge a sua cultura: mas a falta dos verdadeiros conhecimentos sobre esta materia foi a cauza de não terdes visto realizados os seus louvaveis trabalhos e dezejos; porque o errado methodo, que vos foi ensinado, de então propagar a Cochonilha, tirando parte da vermina de huns cardos, e pondo-a em outros, não vos produzindo a sua dezejada propagação, deu-vos cauza de ser totalmente abandonada esta cultura, para que he tão proprio este clima: porém eu animado, e esperançado nos dezejos, que tenho de ser util a vós e a Estado, vou participar-vos as verdadeiras luzes, que tenho adquirido sobre este objecto, dando-vos o methodo de a propagardes para que sejais util a vós mesmos, e promovais a felicidade da minha e vossa Patria, e da Nação inteira, e de ter eu a satisfação de ver aceito, e posto em pratica o meu trabalho pelos meus Patricios zelozos, e agradecidos ás riquezas da omnipotente Natureza, julgando-me ser o primeiro que com tanta individuação vos faça conhecer a Cochonilha, e a sua propagação.

Introducção.

O Excellentissimo Marquez de Lavradio no segundo anno do seu Vice-Reinado, movido por alguns genios Literatos amantes do bem publico estabeleceu nesta Capital huma sociedade denominada = Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro =: e bem que estabelecida sem aquelles fundamentos necessarios para a sua conservação, com tudo bastou-lhe o zello e actividade do seu Autor para ella, não só continuar no exercicio, para que tinha sido creada, de promover a felicidade publica por meio da Agri-

cultura, como tambem de desenvolver idéas profiscuas adormecidas em cabeças, que parecião obtuzas, e pouco scientificas. (Tanto póde a emulação fomentada pelas almas grandes!)

Na continuação da sua marcha descobriu-se a erva do Anil, e a Cochonilha: estes dous ricos ramos de commercio forão que felicitarão a tantos agricultores, que vivião com suas familias subjugadas pelas forças da pobreza nas suas pobres cabanas cobertas de palha. Com a mudança e retirada daquelle Marquez afrouxarão-se as forças da recemnascida Sociedade, e hindo já a ponto de extinguir-se, apparecerão novos socios com maior zelo, e amor do bem publico, que procurando ao novo Vice-Rei, o Excellentissimo Vasconcellos, fizerão-lhe conhecer a utilidade daquelle estabelecimento; ao que elle annuio, como era de esperar do homem de letras, e por seu beneplacito organizou-se a mesma debaixo de seus estatutos, tendo caza propria para as sessoens nas quintas feiras das semanas. Alli não só se tratava da Philosophia, Mathematica, Astronomia, modos de facilitar os trabalhos do Agricultor, fazendo-lhe conhecer a qualidade do terreno para não ser infructuosa a sua lavoura, como se tratava da saude publica entre os Medicos, e Cirurgioens peritos, e dignos de serem membros daquella sociedade; respondendo a consultas, decidindo questoens sobre as molestias que graçavão, analizando aguas e mais substancias necessarias á vida do homem, tendo em vista a formação de Medalhas de ouro, e prata, feitas para premiar a aquelles, que sabiamente satisfizessem ás propostas publicadas pela sociedade: e quando esta se achava envolta em trabalhos de mera utilidade publica, chegou a mudança e retirada do Excellentissimo Vasconcellos. O novo Vice-Rei, o Excellentissimo Conde de Rezende, a extinguio por motivos alheios deste lugar, ficando muitos projectos uteis em esquecimento: mas eu vou publicar hum delles por me parecer de grande utilidade.

Este estabelecimento social era mantido pelos socios nas suas despezas.

Memoria.

A Cochonilha, vulgarmente assim chamada, he huma Larva (Lagarta) de huma Mosca (est. f. I) que, como os mais Insectos da sua ordem, e segundo a natureza de cada hum, procura pasto proprio para nelle pôr, e chocar seus ovos, tirar e sustentar seus filhos até a sua methamorphose.

Esta Mosca he cumprida, tem o dorço riscado longitudinalmente de riscas subtilmente peludas de côr de cana, e do mesmo modo a cabeça e sua frente; as juntas das pernas cingidas da mesma côr; o seu ventre figurado em sublimatorio, em que contém certo humor alimenticio innato, que a alimenta: ella he de côr enegrecida, suas azas são transparentes, e nos cotovellos tem huma mancha mais escura á proporção da mais côr: ella he veloz, e muito serena no voar.

O acazo he que me fez entrar nesta indagação. Como visse sobre a têa da Cochonilha formigarem, e voarem miudissimos insectos de côr branca, que com a vista não podia distinguir bem; cortei pedaços daquelles cardos, para em caza examinar ao microscopio; e porque não podesse de huma vez concluir as minhas indagaçoens, meti-os em hum copo tapando-o; e a minha occupação causou demora ás minhas observaçoens: porém, passados alguns dias, fuí ver o copo, em que achei sete moscas vivas, e cinco mortas, e entre estas huma morta a sahir da sua ninfa (*f.* 6), e muitos dos outros miudissimos insectos vivos. Entrei então a dar mais seria atenção, examinando mais exactamente para chegar aos conhecimentos, que vou escrever.

Os miudissimos insectos, de que não pude

conhecer a ordem, tem duas azas brancas, dous cabellos ou cedas brancas no cocci, por cauda, muito compridos em razão do seu corpo, que julguei serem leme para a direcção de voar; tem seis pernas, duas antenas, quatro olhos, dous em cada lado da cabeça, e o corpo, peraas, cabeça, e antenas engosamente formado, he de côr de roza. Este insecto he sempre constante, e junto á vermina da Cochonilha, e que nenhum mal faz ao cultivador, nem ao commercio.

A larva da mosca Cochonilha, (*f.* 2) quando sahe do ovo, se involve em huma têa de seu fabrico muito fina, e subtil de côr branca, para se defender certamente do tempo, até que chegue ao seu crescimento necessario, alimentando-se do suco da planta cardo, para se transformar em huma pequena ninfa de côr cinzenta (*f.* 5), que ou fica preza dentro da mesma têa, ou se prende por certo humor seu mesmo em qualquer parte da mesma planta; e isto ainda no estado de larva.

Da ninfa, passado o tempo competente, nasce a mosca, que, julgo, propaga logo depois do seu nascimento methamorphosico; porque parece-me ser a sua vida curta, e durar sómente em quanto dura, e vai-se consumindo aquelle humor alimenticio, que contém o seu ventre; pois que não pude achar substancia alguma, que lhe servisse de alimento, apezar das deligencias, que fiz, deitando-lhe differentes substancias, em quanto as tinha prezas no copo, até morrerem á falta de alimento: bem que poderá haver algumas substancias, que as alimentem nos bosques.

A mosca, logo que nasce da ninfa, he muito languida, e traz o ventre involto nas azas; e se ella, não ficando preza por alguns instantes na planta cardo, em quanto adquire forças para voar, cahir em terra, póde ser devorada por outros insectos, ou animaes: por isso deve o cultivador ter

134
133

os lugares da sua criação, e cultura bem limpos de formigas, e de outros inimigos, que possão fazer-lhe mal.

A larva no seu terceiro e quatro estado de crescimento tem o feitio de percevejo, porém arrastra-se, isto he, não tem patas: ella póde-se considerar em tres estados: quando ella nasce, que he muito pequena, e em que não faz conta a sua colheita, (*f.* 2) época esta em que os seus cazulinhos são miudissimos: quando ella tendo chegado ao seu perfeito crescimento (*f.* 3 e 4) os cazulinhos, em que está envolvida, ficão redondos e cheios, porque ella os enche com o crescimento do seu corpo, e nesta época he de grande proveito pela bella côr, e a abundancia do suco, e não deve o cultivador esperar pelo ultimo estado, porque ella principia a perder a côr vermelha, e a passar gradualmente para escura, até converter-se em ninfa.

Eu observei que no cardo, que dá a flor vermelha, e de que o fructo no estado de maduro fica externamente vermelho, a Cochonilha adquire melhor côr: pelo que o cultivador deve escolher estes d'entre os outros, para a sua plantação, e criação da Cochonilha.

Quando o cultivador fizer a colheita, que se faz varrendo a vermina com hum pincel aspero, deve deixar varios cardos entremediadamente dispersos, cheios de pequenos paquetes, ou ninhos de larvas, afim destas passarem á transformação de moscas para fazerem nova geração; e não havendo esta cautella, extinguir-se-há a propagação necessaria: pelo que a colheita total da vermina, e a ignorancia dos nossos cultivadores nesta materia, foi cauza de se perder este ramo de commercio, que tem feito a felicidade de muitos habitantes do Mexico.

Os cultivadores daquelle Paiz plantão os cardos ao redor das suas cabanas, para mais facilmente fazerem as colheitas, e fazem grandes e extensas plantaçoens, de que se seguem dous proveitos; o do lucro, e o de ficar a mosca como domestica, pelo interesse, que tem daquelle pasto perenne, e proprio para a criação de seus filhos, conforme a Lei da Natureza.

Este exemplo devem seguir os nossos lavradores, se quizerem ser uteis a si, e á Patria, pois que não póde haver huma planta de menos trabalho, e mais lucrativa, a que qualquer terreno sirva, e que possa melhor servir de herdade, e que nem lhe seja necessario tanta escravatura, para fazer huma fortuna perenne.

Para que hum lavrador faça fortuna, carece fazer grandes plantaçoens de qualquer dos generos, e para isto necessita de muitos braços, quando hum só homem ou mulher póde por si mesmo fazer fortuna, sem muito trabalho; porque huma vez plantados os cardos, que se plantão de estaca, tarde morrem, e havendo cuidado replantão-se novas estacas, sem que por isso se augmente trabalho.

Como as chuvas fazem grave mal, conforme a minha observação, e mesmo matão a vermina, e ficão os seus ninhos ensopados de tinta vermelha, pela morte desta, que ao depois de enchutos os cultivadores ignorantemente fazião a colheita, e a preparavão para commercio com prejuizo de quem a comprava, por não ser mais que a têa verminoza, tinta com a morte do bixo pela agoa da chuva: por isso em tempo chuvozo deve o cultivador cobrir com toldos, ou de outro qualquer modo que lhe for mais conveniente, e menos despendioso, as suas plantaçoens dos cardos, em que tiver vermina; para o que deve planta-los em ruas com symetria, para os poder cobrir facilmente, logo que o tempo promette chuva.

Chegado o tempo da colheita, que só a expe-

riencia dará ao cultivador vistas de conhecer o estado perfeito do bom rendimento do bixo, terá prontas huma ou duas bocetas chatas, proporcionadas á sua colheita, de folha ingleza, ou de outro qualquer metal, aceadas, e dentro meterão a vermina, que lhe dará hum grão de calor ao fogo sufficiente, que mate o bixo, e não o torre; porque na perfeição desta operação está a intensidade da côr, e não como se fazia em ar livre, reduzindo-se a vermina em huma materia carbonoza dura em granitos sem mais proveito, que a má fama ao commercio.

Reparando na mudança, que fazem os fructos dos cardos, da côr verde para a vermelha, quando chegão á sua perfeita maduração, lembro se será a côr da Cochonilha huma transmudação do suco da planta combinando-se com certos principios da animalisação do bixo, porque os insectos, de que acima fallei, crião-se nos cardos, são de côr vermelha, são differentes, e ainda que são dipteros, não são moscas. Talvez a Quimica possa fazer a mesma mudança, que faz a larva no suco da planta: e esta descoberta seria de grande proveito ao Estado.

No tempo, em que me occupava da Cochonilha, encontrei o bixo da Cera nas folhas do Araçazeiro: (Psidium; Ycosandria Monoginia) fiz a deligencia de descobrir a sua methamorphose, porque conheci ser huma larva, que pascentava-se do suco das folhas do Araçazeiro, de que transmudava para a côr vermelha, cobrindo-se com a materia ceroza, que ella fabrica da mesma folha para se guardar do tempo. A minha occupação não me permittio lugar para conhecer a larva.

Eu convido os meus Patricios Roceiros a plantarem grandes roçarias de cardos, para criarem e colherem grande soma de Cochonilha, cujo trabalho de bom proveito não os embaraçará das outras plantaçoens do uzo commum, porque para a Cochonilha não se necessita tanta escravatura para tirar lucro.

Depois da vossa roçaria dos cardos pegar a vegetar, hireis buscar cardos, que estejão cheios de Cochonilha, e os plantareis por entre os da vossa roçaria, e delles tereis grande cuidado para que não morra a vermina, que passado o tempo competente, vereis que se ha de hir propagando pela mosca em todos os cardos, e então vereis e conhecereis a mosca, que vos facilita o lucro para a estimardes.

Eu achei muita vermina nos cardos, Jurubébas, e nas mais especies deste genero nos campos e restingas da Lagoa de Rodrigo de Freitas. (Cactus; Ycosandria Monoginia.)

Jacinto José da Silva Quintão.

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuadas do N.º 3.º pag. 16.

Terra Hespanhola de 1714.

HUM Brigue, que sahio de Lima em 1714 para a Ilha de Chiloé, na sua derrota, descobrio no parallelo de 38º S., e 550 legoas ao Oeste da Costa do Chili, huma terra elevada, que costeou durante hum dia, e julgou pelos fogos, que percebeo de noite que era habitada: os ventos contrarios o fizerão arribar á Conceição, Porto da mesma Costa, onde achou o Navio de Tresne Marion, e este Capitão assegurou-no seu regresso, ter visto o diario do Capitão Hespanhol.

A' vista do exposto os Geografos tem achado acertado collocar esta terra sobre o parallelo de 38º no meridiano de 3 ou 4º ao Oriente da Ilha

da Pascoa de Roggewein: estas terras vistas em 1714 parecem ser aquellas, que as cartas antigas mostravão para Oeste do Chili debaixo do nome de *terras de João Fernandes*, porém este navegador morreo sem haver indicado a posição da sua descoberta feita em 1576, e sómente da Collecção de Dalrymple se deduz que por esta época o dito navegador se afastara da Costa do Chili, até 40° para Occidente tendo feito a derrota ao Oeste, e Sudoeste, e que depois de mez e meio de navegação abordara a huma terra, que elle diz ser hum grande Continente.

Aquella posição de 3 á 4° ao Oriente da Ilha da Pascoa tem a seu favor concordar com a opinião do Capitão Cook; e o certo he que nenhum dos navegadores modernos tem cruzado semelhante parage, e sómente eu vejo que Cook em Março de 1769, fazendo derrota para a Ilha do Tayti, cortou o parallelo da referida terra, a distancia de 6° para Oeste, e na 2.ª viagem em Fevereiro de 1774 na mesma distancia a Leste, em cuja posição achou de variação NE. 6° 38′.

Mr. Surville em 1769 tambem cortou o parallelo de 38° Sul a 5° para o Occidente da posição assignalada, de sorte que a derrota destes dois navegadores fórmão hum espaço de 300 legoas na direcção de Noroeste-Sueste sobre 150 de NE e SO, que até ao presente não tem sido trilhado por navegador algum, em cujo meio se achão as terras indicadas.

Terra vista em 1773.

O Vice-Rei do Peru em 1773 ordenou huma expedição para as Ilhas do Oceano Pacifico, e no regresso da Ilha do Tayti para o Perú, os Hespanhoes avistarão algumas Ilhas pela Latitude Sul de 32° a 5° para Oriente do meridiano da Ilha

de Pitcairn (de Carteret): o extracto desta viagem foi communicado a hum Official do Navio do Capitão Surville, pois naquella ocasião tinha este navegador arribado a Lima.

As derrotas da 1.ª e 2.ª viagens de Cook nos fazem ver que este navegador, na 1.ª cruzou o parallelo de 32° Sul pelo meridiano de 4° ao Oriente da posição dada pelos Hespanhoes, e na 2.ª passou a mesma Latitude pelo meridiano de 5° para Oeste da posição das terras indicadas, de maneira que, depois da descoberta até ao prezente, não se tem feito indagação para reconhecer aquellas Ilhas, havendo entre as duas derrotas de Cook 10° em longitude sobre o parallelo de 32°, que não tem sido trilhados, cujo meridiano medio corresponde ás referidas terras, e huma igual reflexão se deve fazer relativamente a todo o espaço, que decorre para o Sul, até encontrar a derrota de Surville.

Ilha das Transacçoens Philosophicas de Londres.

EM as Transacçoens Philosophicas do anno de 1674 se lê „ no Mar do Sul por 37° ½ de Latitude Septentrional, e a 28° de Longitude para o „ Oriente do Japão, jaz huma Ilha elevada, e „ mui grande, habitada de povos brancos, ricos „ em ouro e prata, como o provou hum Navio „ Hespanhol, que fazia viagem de Manilha para „ a Nova Hespanha, de sorte que o Rei em 1610, „ enviou hum Navio de Acapulco ao Japão, a fim „ de tomar posse desta Ilha, porém a empreza „ sendo mal conduzida não teve effeito; depois da- „ quella época se tem desprezado tentar esta des- „ coberta. „

Entre as instrucçoens, que forão dadas a La Perouse, merecia huma particular attenção a no-

ta exposta: eis-aqui as suas formais palavras a cerca da indagação, que este navegador fez.„ A pesquiza desta terra havia feito parte das instrucçoens do Capitão Uries, por consequencia eu devia cortar o parallelo de 37° 30′ pelo meridiano de 165°, e com effeito á meia noite de 14 de Outubro de 1787, cheguei áquella Latitude. Tinhamos visto neste mesmo dia 5 ou 6 passarinhos de terra, que descançarão sobre o nosso aparelho, detarde percebemos voar dois Carnoroens ou ades, passaros que jámais se apartão da Costa, o tempo era claro, e sobre huma e outra Fragata os Gageiros estavão nos galopes com huma vigia atenciosa: huma recompensa assáz consideravel estava promettida áquelle, que primeiro percebesse a terra, mas este motivo de emulação era pouco necessario, visto que cada marinheiro dezejava descobri-la, para ter a honra de lhe dar o seu nome, pois eu assim o havia determinado: porém sem embargo dos indicios certos de vizinhança de terra, nada descobrimos, não obstante o horizonte ser mui extenço: eu suppuz que esta Ilha nos devia ficar ao Sul, e que os ventos violentos, que recentemente tinhão reinado, terião apartado para o Norte os pequenos passaros, que tinhamos visto descançar sobre o nosso aparelho; por consequencia ordenei que governasse a Leste sobre os 37° 30′ com pouca vella, esperando o dia com a mais viva impaciencia. Com effeito chegou, e não vimos mais que dois passarinhos, e continuando a derrota para Leste, passou detarde ao longo do Costado huma grande tartaruga: no dia seguinte, correndo pela mesma direcção, e sobre o dito parallelo, vimos hum passaro muito pequeno posto sobre o braço de Gavia, como tambem hum terceiro vôo de Ade, de sorte que a cada instante esperavamos ver realisadas as nossas esperanças. Em fim os indicios de terra continuarão a 18 e a 19, não obstante termos

feito já muito caminho para Leste, pois em cada hum destes dias se percebeo vôos de Ades, e de outros passaros da Costa, por consequencia conservando a esperança da descoberta; porém apenas chegámos aos 175° de Longitude Oriental todos os indicios cessarão, e eu continuei a fazer a mesma derrota até o meio dia 22, mas a esta época a Longitude indicada pelo Chronometro N.° 19 nos situava a 20′ para Leste dos 180°, limite, que me havia sido fixado para procurar a Ilha, por tanto ordenei que se navegasse para o Sul, a fim de achar mares mais tranquillos.

„ As contrariedades que temos sofrido, depois da nossa sahida do Porto de S. Pedro e S. Paulo, apenas serião lembradas, se tivessemos tido a felicidade de encontrar a Ilha, cuja pesquiza nos custou tantas fadigas, e que certamente existe proxima á derrota que fizemos. Os indicios de terra tem sido demaziado frequentes, e de huma natureza notavel, para que se possa duvidar da sua existencia, e mesmo estou inclinado a crer, que se deve procurar por parallelo mais septentrional, de maneira que se tornar a fazer huma segunda indagação, eu seguirei o parallelo de 35° entre os meridianos de 160° e 170°, que he o espaço, em que vimos maior quantidade de passaros de terra, os quaes parecião vir do Sul, lançados para o Norte pela violencia do vento meridional, que então soprava, mas o plano ulterior da minha viagem não me deixa tempo de verificar esta conjectura, fazendo para Oeste o mesmo caminho, que fizemos para Leste, visto os ventos, que reinão quasi sem cessar do Occidente, não permittirem fazer em dous mezes o que tinha navegado em oito dias. Em fim eu dirijo a minha derrota para o Hemispherio Meridional, isto he para o vasto campo das descobertas, onde as derrotas de Queirós, Mendana, e Tasman, estão cruzadas em todos os sentidos por

aquellas dos navegadores modernos, que tem alumiado algumas Ilhas novas áquellas já conhecidas, mas sobre as quaes a nossa curiosidade dezeja explicaçoens mais circunstanciadas, que aquellas incendidas nas relaçoens dos primeiros Navegadores. „

O que fica exposto he o que deduzi da narração de Perouse, e não sei como este navegador não tomou o partido de seguir antes o parallelo de 37 ou 38°, visto que o Navio Kastricum tinha percorrido sobre a Latitude de 37° 30', e infructuosamente huma distancia de 450' milhas para Leste do Japão; porém talvez que não quizesse apartar-se das suas instrucçoens. O certo he que os frequentes signaes de terra, que os navegadores tem visto, devem fazer esperar que a referida Ilha será hum novo objecto de indagação, e mesmo há toda a probabilidade, que se achará navegando-se no parallelo de 36°½, visto que as terras antigamente descobertas se tem encontrado quasi todas em nossos dias.

Costa da Tartaria.

SObre esta Costa, onde la Perouse fez descobertas tão uteis á Geografia, ainda há hum ponto interessante a esclarecer, que he se a extremidade da grande Ilha de Segalien fórma canal com o Continente da Tartaria, dando passage navegavel para o mar de Ochotsk, ou se esta he obstruida por areias amontoadas, que talvez o Rio Amur descarregue e accumule; porém como até ao presente se está em trevas, sobre se a terra de Segalien naquella parte fórma passage ou isthmo, parece-me ser hum objecto interessante determinar esta incerteza. Da Relação de la Perouse deduzo que este navegador antes de descobrir o Estreito, que hoje tem o seu nome, navegara para o Norte entre a Costa do Continente e aquella Occidental

da Ilha. Elevando-se até 6 leguas de distancia ao fim do golfo, onde fundiou em 9 braças, e mandando o escaler sondar, acharão-se a huma legua para o Norte 6 braças, e como o vento Sul soprava com grande violencia, e com a mesma constancia que no mar da China, la Perouse julgou prudente não se entranhar, e procurando a Costa da Tartaria, foi ancorar na Bahia de Castries, donde tinha projectado mandar partir a Chalupa, para finalizar hum reconhecimento tão importante; por fim o grande mar, que se levanta á mais ligeira briza do Sul, as nevoas continuas, a qualidade de huma embarcação sem coberta, e sobre tudo, a lembrança do naufragio dos dous escaleres, sobre a costa do Noroeste d'America, em huma igual indagação, lhe fizerão abandonar o seu Plano, pois temando no desembocamento, diz Perouse, ao Norte da Ilha de Segalien, poderia achar huma nova ordem de acontecimentos, á vista dos quaes seria muito duvidoso arribar aquelle anno ao estabelecimento Russo de S. Pedro e S. Paulo em Kamtschatka.

Austrulazia.

EM a Nova Hollanda parece-me, pelo que pertence á Hydrografia, não haver precizão de mais conhecimentos, muito principalmente sobre a parte meridional, que Dentrecasteaux e Vancouver reconhecerão de huma maneira sufficiente para segurilade da navegação, e as expediçoens, que partirão da Europa em 1801, completarão o reconhecimento da quadra-costa daquelle vasto Paiz, principalmente aquelle do Capitão Flinders em o Navio Investigador, que foi muito mais importante, que os da Expedição de Baudin, Commandante das Corvetas, Naturalista, e Geographo, o qual navegador teve o defeito durante os tres annos da sua digres-

são, de não consultar os sabios para as suas operaçoens, em consequencia do amor proprio, que tinha, de querer só elle apresentar todas as observaçoens, mas a sua esperança foi enganosa, como algumas de outros circumnavegadores; e aquelles que em semelhantes viagens não consultarem o Astronomo, o Naturalista, e outros, ainda mesmo nos casos de pura pratica, deverão ter huma sorte igual á de Baudin: o grande Astronomo Bernier foi huma das victimas da grosseria deste Commandante. Como são differentes os homens! Eu vejo que os dous grandes e infortunados navegadores Cook, e Perouse (cujas expoſiçoens deverão servir como de regimento de conducta aos navegadores de circumnavegação) estimavão de tal fórma os Astronomos, e mais sabios empregados, que ás primeiras descobertas lhes impunhão os seus nomes, não deixando de os consultar, ainda nos casos de pura pratica.

Finalmente Baudin, na quarta e ultima campanha, tinha projectado reconhecer o lado do Norte, e o golfo da Carpentaria, porém como esperava a monção do SE, para esta indagação, foi invernar a Timor.

Com effeito a tal escolha de monção, para reconhecer o golfo de Carpentaria, he bem imprópria, e demais, esta parte tem sido toda visitada por navegadores Inglezes, e sabe-se muito bem que a Costa do Norte he quasi inaccessivel, e a parte do golfo he huma terra arenosa e saliente.

Baudin podia ter-se servido melhor da sua pequena embarcação, a Czarina, empregando-a muito propriamente no reconhecimento daquella parte da nova Guiné, para Oriente da Cabo Walsh, até ao Cabo do Sueste de Dentrecasteaux, procurando o estreito, por onde o navegador Torres passou em 1606, e em continuação reconhecer a parte meridional do Archipelago da Lusiada, até o cabo de Delivrance, cujos detalhes desta parte até o

presente ignoramos, e do modo que praticou invernando em Timor, não só foi inutil á sociedade, porque não reconheceo o golfo da Carpentaria, como tambem o foi a si, que se perdeo, e concorreo para a perda, que a astronomia sentio, pela falta do sabio Bernier, que he a quem se devem as exactas posiçoens da grande Bahia do Geographo, e daquella dos Requins, além de outros diversos pontos, que elle determinou.

Grupo de Monteverde.

EM 1806 o Navio da Companhia das Filipinas, vindo de Acapulco para Manilha, encontrou no parallelo de 9° 27′ ao Norte, e na Longitude de 162°, 05′ ao Oriente de Cadiz, hum grupo de pequenas Ilhas em numero de 29, e o Capitão Monte Verde não pôde fazer mais nenhuma observação.

A posição deste novo Archipelago, situado para o Sul daquelle da Carolina, está fóra da derrota dos Navegadores modernos, e em as relaçoens dos antigos não acho descoberta, que possa suppor ser as referidas Ilhas encontradas pelo Navio Hespanhol, e cuja noticia se acha inserida nos papeis publicos de Madrid, porém eu deduzi esta nota daquelles de Porto Luiz na Ilha Mauricia.

O reconhecimento deste Archipelago, a sua posição geografica, não só relativo ás Ilhas mais Meridionaes, como áquellas Septentrionais, e os canaes que fórmão, ou se são encadeadas com recifes, he muito util á Hydrografia.

Grupo de Feejee.

ESte Archipelago situado para Noroeste, das Ilhas dos Amigos, ha indicios de ter sido descoberto por Tasman, porém os Insulares de Tangatabou tinhão noticia destas Ilhas, de maneira que

parte tem sido reconhecidas pelo Capitão Bligh em Maio de 1789, como tambem aquellas, que ficão para o Norte de Tangatabou, pertencentes ao mesmo grupo dos Amigos, e que o Capitão Cook asignalou na sua Carta geral pelas relaçoens, que deduzio dos Insulares; forão visitadas por Meireles, Commandante da Fragata Princeza (Hespanhola) em 1781 na derrota, que este navegador intentou fazer de Manilha para S. Braz, Porto situado sobre a costa Occidental do Mexico. A' vista do referido a posição do grupo de Feejee, percisa ser determinada mais exactamente.

Ilhas de Roggewen.

COmbinando os diversos resultados, que os Hydrografos tem concluido do exame da viagem de Roggewen, vê-se claramente que de todas as descobertas deste navegador sómente a Ilha da Pascoa, e o grupo das Perniciosas, he que tem sido encontradas, e as outras denominadas, Carlos Hoff, Labirintho, Aurora, Vespera, Recreação, a Hospitaleira de Bauman, o grupo de Roggewen, e as grandes Ilhas de Tienhaven, Groningue, não tem sido encontradas, porém a opinião de alguns Geographos não concorda com esta conclusão, isto he, dizem que as Ilhas do Principe de Walles descobertas por Byron em 1765, são as que o Almirante Hollandez chama Labirintho, e que Tienhaven, e Groningue são aquellas de Santa Cruz de Mendana, (mas a viagem do Contra Almirante D'entrecasteaux prova o contrario, e mais depressa se poderia tomar pela Ilha de S. Bernardo de Queirós) como tambem que a Ilha da Recreação, he aquella mesma dos Cocos descoberta em 1616 por Maire, e Schouten; e pelo que pertence ás Ilhas de Beauman, mostrão todas as relaçoens que se devem procurar, visto o agazalho amigavel, que

recebeo o Almirante Roggewen dos seus habitantes benemeritos, e mesmo a fertilidade do Archipelago, e a seguridade de seus Portos conduz a dezejar que se procurem a fim de fixar a sua posição, e assegurão hum recurso de mais para os navegadores do grande Occeano, pois tem-se visto que para regressar da China para o Brazil, dobrando a terra Magalhanica, não he algumas vezes esta derrota mais expeditiva que aquella do Cabo da Boa Esperança, sujeitando-se ás revoluçoens das monçoens.

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, continuado do N.º 3.º pag. 34.

Segunda Parte.

Utilidades que se seguem da introducção das Artes no Reino.

PArece que fica provada a grande, e preciza necessidade, que há de introduzir, ao menos as Artes necessarias, no Reino; que não he difficil esta introducção; e que são errados os inconvenientes, que se lhe considerão; mas se os grandes males, a que esta falta nos expoem, não bastão a nos persuadir aos remedios, bastem as grandes felicidades, que se seguirão ao Reino, que reduzirei a cinco pontos, inestimavel cada hum ao bem publico.

1.º Ponto — Que a introducção das Artes em commum evitão o damno, que fazem no Reino o luxo, e as modas.

2.º — Que tirará a ociosidade do Reino.

3.º — Que o fará povoado, e abundante de gente, e fructos; e poderá sem que lhe faça

falta, ter gente para as Colonias, e para as guerras.

4.º — Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introducção das Artes.

5.º — Que as Rendas Reaes se augmentaráõ.

Cada huma destas cinco proposiçoens só per si executada parece que basta a fazer o Reino feliz; e sendo certo, que com a introducção das Artes se executão todas, quem não dirá, que das Artes depende a felicidade do Reino? Vejamos as provas.

CAPITULO 1.º

Que a introducção das Artes evita o damno do luxo, e das modas nos vestidos, e adornos das cazas.

EM primeiro lugar, dezejo a moderação no uzo do vestir, e nos adornos das cazas; e que nos regulasse nelles, não a abundancia, e vaidade, mas o concerto, e a modestia. A esta moderação derão os Philosophos, e Jurisconsultos preceitos; e o que mais para nós he, os PP. da Igreja conselho; mas como a ambição, e vaidade são vicios quasi naturaes da nossa condição, os preceitos, e os conselhos obrão pouco com nosco. Daqui se segue, que o Reino terá grande interesse de que, ainda que haja luxo, e gasto superfluo no vestir, e adornar as cazas, não seja damnozo ao Reino.

O damno do Reino não consiste em que cem particulares mal governados gastem o Patrimonio em adornos, e vestidos, se da fazenda, que estes gastão, se sustentarem cem cazas do mesmo Reino; o em que consiste o damno he, em que a fazenda, que o máo governo de huns consome, e dissipa, seja alimento, e utilidade dos estranhos. As Artes obrão que aquelle damno particular de huns, seja

utilidade de muitos no mesmo Reino; e a falta dellas, que aquelle damno passe de particular, a ser mal commum de todo o Reino; e a razão he facil de achar, se todas as manufacturas, e fazendas, que consome o uzo mal regulado dos vestidos, e adornos das cazas, são obradas no Reino, nelle fica o custo dellas repartido por tantas mãos, quantas correm aquellas fazendas até á tenda do mercador; porém se são obras estrangeiras, lá vai parar o dinheiro, e lá sustenta aquelle grande numero de gente, que podera ficar no Reino.

Mais me atrevo a dizer: em hum Reino rico, e com Artes não só he util aquelle apetite, ainda que seja immoderado, de vestir ricamente, e adornar ricamente as cazas, mas he precizo, e necessario. Valerio Maximo o tem por huma especie de liberdade: *Quid opus libertate, si volentibus luxu perire non licet? Liv. 2.º Cap. 9. Prov.*

O dinheiro nos Reinos tem a qualidade, que tem o sangue no corpo humano; alimenta todas as partes delles, e para as alimentar anda em huma perpetua circulação; de sorte que não pára, se não com a inteira ruina do corpo. Isto mesmo deve fazer o dinheiro: faz que saia das mãos dos pobres a necessidade; o apetite, e vaidade, das mãos dos ricos: pelas Artes passa aos mercadores; dos mercadores a todo o genero de officios, e mãos, porque correm os materiaes, que poem em obra a Arte: destas mãos ás dos lavradores pelo preço dos fructos da terra, para o sustento de todos: dos lavradores aos senhores das fazendas; e das mãos de todos, pelos tributos, ao Patrimonio Real. Deste sahe outra vez pelos ordenados, tenças, sustento dos soldados, armas, fabricas de náos, e de edificios, e fortificaçoens, &c. Quando esta circulação do dinheiro se faz no Reino, serve de alimento a todo elle; mas quando sahe do Reino, faz nelle a falta, que faz o sangue, que sahe do

corpo humano. Este exemplo não tem nada de ficção, nem de adorno: he tão natural, e humano, como veremos em outra parte.

Supponhamos que hum Principe enthesourou todo o dinheiro que lhe tributa, e rende o seu Estado; he certo que em poucos annos o esgota; e que faltará aos pobres, e aos ricos com que tributar, e alimentar-se: esta he a razão porque os politicos aconselhão aos Principes, que não tendo em que gastar, e não sabindo de minas o seu thezouro, fabriquem palacios; porque para o dinheiro entrar nas suas mãos, he necessario que saia. A Providencia Divina tambem acodio a isto, e não quiz que se accumulassem todos os bens em huma mão; porque ordenou, que se repartissem por muitos. Ordinariamente vemos, que o filho do avarento he prodigo, e que divide este, o que ajuntou o crime dos pais.

Daqui parece que se segue, que não são damnosos ao Reino o luxo, e avaidade dos gastos no vestir, e adornar as casas, quando as fabricas, que servem a este uzo, são obradas no mesmo Reino; antes he utilidade, porque obra que o dinheiro sirva de alimento a muitos.

CAPITULO 2.º

As Artes evitão a ociosidade.

A Ociosidade he o inimigo maior, e mais perezozo dos Estados: em Athenas condemnarão os ociosos com pena de morte: Solon os castigou com a nota de infamia: o Imperador Valente, com a perda da Liberdade: Salustio aconselhou, como primeira necessidade do governo, buscar em que occupar os homens: Cicero affirma que durou a gloria em Roma, emquanto se observarão as Leis contra a ociosidade: Marco Antonio mandava, que

todos os homens trouxessem sobre si huma marca da profissão, que tinhão; e quem a não trazia, era obrigado a servir nas obras publicas. Nação houve (os Athenienses), entre a qual se não dava de ceas aos moços, que não mostrassem o trabalho, em que havião occupado aquelle dia. Entre os Egipcios houve lei, que obrigava a cada hum dos homens a mostrar aos Magistrados o de que vivêra, e em que occupára a vida naquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos tão aprovado este modo de governo, que Felippe II condemnou os ociosos a galés. Os Chinas não consentem hum só ocioso, e buscão occupação até aos homens, a que as enfermidades podião izentar legitimamente do trabalho: os que não tem mãos trabalhão com os pés; e os que não tem pés com as mãos; até os cégos trabalhão; e de sete annos de idade buscão este, ou aquelle trabalho aos meninos. A esta imitação ha em Paris hum Hospital, em que recolhem todos os mendigos, e a todos dão occupação: em Amsterdão são suspeitas como deshonestas, as mulheres ociosas, de qualquer qualidade que sejão. Este he o crime da ociosidade; e he para admirar, que não tenha entre nós pena especial! Tambem cuido que ha entre nós muitos ociosos, porque não tem em que trabalhar, particularmente as mulheres, na maior parte do Reino; e que a quem lhes condemnar a ociosidade pódem responder com os obreiros do Evangelho — *Nemo nos conduxit.* Com a introducção das Artes não poderão dar esta resposta os ociosos; e a Republica, dando occupação aos filhos, tem mais direito para castigar a ociosidade delles.

Se toda a lan, que ha no Reino, se lavrar no mesmo Reino, dará sustento, e occupação ao infinito numero de gente; o que facilmente vê quem lança a consideração ás muitas mãos, que se occuparáõ em cardar, fiar, tecer, e tingir esta ma-

feria, que vendemos crua aos Estrangeiros; e depois de obrada, aos muitos homens que se occuparáõ, e viveráõ do contrato della.

Já disse, que só em Samerção se sustentavão, e vivião da fabrica das Sarjas mais de dés mil pessoas, cujo gasto passa unicamente a Portugal. Só de fitas ha em Paris 1500 Mestres, e alguns que tem a dés Teares, porque os Mestres não fazem outra cousa mais, que armar os Teares; e contando a 6 obreiros cada Mestre, se acha que occupa esta fabrica sómente 9000 pessoas, sem contar os muitos tendeiros, que as vendem; e os muitos homens de negocio, que as comprão, para as mandar a differentes partes.

O Padre Antonio Vieira me disse, que conhecera hum Mercador Genovês, que dava seda em Genova, e pagava a 2000 mulheres, que por sua conta fazião meias de agulha.

Os Portuguezes he a Nação mais habil para as Artes mecanicas, que tem Hespanha: e os Estrangeiros confessão, que são os que melhor, e mais facilmente os imitão. No Reino não faltão officiaes daquellas Artes, cujas obras se não recebem dos Estrangeiros, como são Pedreiros, Carpinteiros, e outros; e destes ha tantos, que passa hum grande numero a trabalhar, e ganhar sua vida entre os Castelhanos: da mesma sorte haveria abundancia de officiais, e obreiros em todas as Artes, que de novo se introduzissem, e se occupassião nellas todos aquelles, que a necessidade, ou falta de occupação faz sahir da sua Patria.

CAPITULO 3.º

As Artes augmentão o numero da gente, e povoaráõ o Reino.

O Numero dos Vassallos, e a povoação numerosa dos Reinos he a maior felicidade delles, e o fundamento mais solido da sua conservação: como pelo contrario, tudo falta aos Estados, que tem falta de gente; e esta he a felicidade, que prometia Deos ao povo, pela boca de hum dos Profetas da Escriptura: *Dux ego convertar ad vos, et multiplicabo in vobis.* Pelo contrario, quando lhe propoem castigos: *Remanebitis pauci numero.* Roma, e Athenas entenderão que toda a sua grandeza consistia na copia numerosa dos Cidadãos; assim o lemos nas politicas de Aristoteles, e Platão: nos Decretos dos Imperadores; no Conselho, e na condição de todos os Legisladores de huma, e outra Cidade.

He grande este unico bem dependente das Artes; póde bastar por prova a experiencia do que vemos nos Reinos visinhos: Hespanha na extensão da terra he maior, que França; e igualmente abundante, e fertil; mas na povoação he tão desigual, que no anno vinte deste seculo fazia Hespanha 6 milhoens de almas; e França 14. Dirão que isto procede da fecundidade das mulheres, maior nas terras frias; se isto assim fora, Polonia, que he maior que França, tivera mais gente; o que não he: a differença consiste, em que França tem mais Artifices, e mais Artes, que Hespanha, e Polonia.

Hollanda he huma pequena Provincia, cuja terra he só abundante em pastos; defendida contra as Inundaçoens com hum continuo trabalho de valas, e diques; e possuida desta sorte como em precario: mas he tão povoada, que se não acha

outra em igual distancia com igual numero de moradores; e quem compara nella os Artifices com os Lavradores, acha vinte Artifices para cada Lavrador.

O pequeno Estado de Genova, he a parte de Italia, em que ha mais gente, em igual distancia de Paris; e communmente se sabe que o seu mar não produz peixes; e os seus montes nem lenha produzem; e são as Artes que a tem mais rica, e mais povoada; que esta he a terra de lavor tão celebrada dos Autores Latinos, e tão abundante dos bens da natureza.

Há 63 annos, que as fabricas das sedas se introduzirão em França, e no decurso delles crescerão em numero mais de ametade as cazas, e moradores das Cidades de Leão, e Tours; e as Villas de Santo Estevão, e S. ... Vemos em fim por experiencia, que as terras, que mais florecem, são as mais povoadas; vejamos a razão.

Londres he huma das mais povoadas Cidades da Europa; mas a maior parte dos seus moradores são Artifices. No tempo das suas guerras civis, quando os obreiros aprendizes sómente tomarão as armas, formarão hum corpo, a que se não podia oppor o resto dos moradores.

João Botéro, pergunta: qual he a causa porque huma Cidade, que começou, por exemplo: no anno de 600 com 200 moradores, cresceu a 2000 até o anno de 800, e depois de oito seculos não passou de 2000? Parece, que segundo a razão natural, havia de crescer em mil annos a 200 moradores, ao menos, passando em dous seculos de 200, a 2000; mas esta experiencia, em quasi todas as Naçoens do Mundo, mostra o contrario: a razão he porque as Cidades não crescem mais que a numero de gente, que o seu territorio póde sustentar; e daqui vem, diz o mesmo Autor, que o Mundo em 2000 annos depois do Diluvio

teve tanta gente como hoje tem; fallando em geral do Mundo, e não desta, ou daquella Provincia.

Mas contra esta infallivel razão de João Botéro, parece que está huma experiencia tambem certa, e he: que vemos muitas Cidades (como acima fica mostrado) de territorio fertil serem mais povoadas, que as outras de igual territorio; mas este milagre obrão as Artes; porque o preço dellas corre abundantemente á subsistencia dos territorios vizinhos, ou dos Reinos Estranhos, se he maritimo o lugar, onde se trabalhão.

CAPITULO 4.º

Continúa a mesma materia.

VEjamos outra razão mais natural; o commum dos Homens vivem, ou das lans, ou das lavouras, ou do trabalho das Artes; de sorte, que os meios geraes da subsistencia dos povos são a cultura da terra, e a fabrica das Artes: e assim aonde mais se cultiva a terra, há mais lavradores; e aonde mais se fabrica, há mais artifices; mas estes dous meios de subsistencia, se ajudão tão reciprocamente, que não podem haver muitos lavradores, onde ha falta de artifices: e pelo contrario, há muita abundancia destes, onde as Artes florecem.

Os lavradores cultivão a terra, até tirarem della os fructos, que podem gastar, e de que podem tirar o necessario pera vestir suas familias, e para comprar instrumentos para a lavoura; reservando huma porção para tornar á terra; de modo que vendendo os fructos, restituem o dinheiro ás Artes pelas roupas, e instrumentos de que necessitão; mas se estas obras da Arte vem de fóra, não são os Artifices os que lhes gastão os fructos: e o dinheiro, que lhes derão por ellas, passa a ser utilidade dos Estrangeiros.

Mas supponhamos que se introduzirão as Artes na Cidade, em cujo territorio vivia este lavrador, e que o numero dos Artifices augmentou o numero dos moradores de mais duas mil pessoas, crescia necessariamente o gasto dos fructos, e o lavrador, que por exemplo não lavrava mais que dez moios, porque só a esta quantidade achava gasto, procurava cuidadosamente tirar da terra todos os mais fructos, cujo gasto lhe segura o numero da gente da Cidade.

Segue-se daqui que o lavrador, que se acha com mais cabedal, o restitue ás Artes, porque veste mais limpamente a sua familia; e crescendo na lavoura, compra mais instrumentos para ella, e por consequencia os Artifices, porque cresceo por este mesmo caminho o gasto das fabricas, crescerão em numero, e se aperfeiçoarão no trabalho.

Passemos mais adiante: o lavrador, que se vê com cabedal, passa naturalmente do necessario ao superfluo, e vendo na Cidade as Artes, e obras de que se contenta, servindo-se, por exemplo, de bancos até então, compra cadeiras, e ao mesmo passo todas aquellas couzas, que servem mais ao ornato, que á necessidade; e daqui nasce, que achando huns, e outros utilidade na vida, que tem, e segura a sua subsistencia no trabalho, se applicão a elle, e se animão todos a ter familias, e cazar suas filhas.

Para confirmação destes argumentos se não necessita de mais prova, basta lançar a consideração aos muitos artifices, que entre as naçoens estrangeiras se occupão em obrar as fabricas, que delles recebemos. Supponhamos, que há hum milhão de pessoas, que se sustentão commodamente no Reino, se nelle se obrarem aquellas fabricas, crescerá o gasto aos fructos da terra, e o Reino logrará a grande felicidade de ser mais povoado.

CAPITULO 5.º

A falta das Artes he causa da falta de gente em Castella.

A Prova maior dos Capitulos antecedentes, he examinar a causa dos direitos, com que se acha Castella. Dom Sancho de Moncada, referio sobre esta materia cousas, que causão horror: diz, que os Curas de Toledo derão hum memorial, advertindo que faltara naquella Cidade a 3.ª parte da gente: porei aqui as mesmas palavras do Autor.

„ En la carneceria se pesa menos de la mitad
„ de la carne, que solia: es cosa lastimosa que
„ de 60 casas de Mayorasgos de a tres mil ducados
„ de renta, que solia tener Toledo, no quedan
„ seis: y de toda Castilla, Andalazia, Mancha,
„ Reino de Valencia, y asta de Sevilla, todos son
„ del Pueblo: y el Padre Fray Diego del Escorial
„ refere, que lhe dixo el Obispo de Avila, que
„ de poco acá faltaban 63 pillas em su obispado. „

Este he o lastimoso estado de Hespanha, tão fertil em outro tempo, e tão abundante de gente, que refere Julio Pacense, que no tempo, que Augusto mandou numerar os vassallos do Imperio, se acharão sómente em Luzitania, cinco milhoens, e sessenta e oito mil pares de familias. He observada entre os Autores a fecundidade das mulheres Portuguezas, e os frequentes partos de tres filhos.

As cauzas, que commummente dá o Mundo a esta falta, são as Colonias das Indias, a expulsão dos Mouriscos, e as guerras de Italia e Flandes; mas todas estas causas, na opinião do Autor citado, são sem fundamento: na expulsão dos Mouriscos sahirão de Hespanha 600$ — pessoas, numero facil de restaurar em poucos annos: há vinte e cinco, que em Napoles morrerão de peste duzentas mil; e hoje se acha este numero restaurado; maior numero de gente se perdeo, e restaurou brevemente.

Depois da conquista de Granada até o Reinado de Felippe III não houve guerras em Hespanha, e no anno de 1620 se começou a sentir a falta de gente. Em França houverão quarenta annos de guerras Civis, e não se conheceo no fim diminuição nos povos; donde se segue, que a guerra não foi a causa da falta de gente em Hespanha; nem o póde ser em França. As Colonias, e os descobrimentos não são a causa, porque (commummente fallando) não sahe da Patria, para viver nas alheias, quem tem subsistencia certa na propria. As inundaçoens de gente, de que temos tantos exemplos nas historias, succederão como as inundaçoens dos Rios, que sahem dos canais a alagar os campos, quando as agoas não cabem no caminho natural por onde corrião. Quando os Gôdos, Vandalos, Suévos, e mais Naçoens Septentrionais passarão o Rim, e o Danubio, não deixarão desertas as Patrias, donde sahirão, antes tão povoadas como hoje as vemos. A Nova França, a Virginia, e as muitas Ilhas, que tem as Colonia Inglezas, e Francezas não diminuem a povoação de França, e de Inglaterra.

Outra causa se aponta commummente, que são as muitas Religioens, que ha em Hespanha; porque Navarrense affirma que havia no seu tempo setenta mil Frades; mas esta não póde ser a causa; porque em França ha muito maior numero de Religiozos, e Conventos, sem que hajão de diminuir a povoação daquelle Reino. Todas estas causas pódem concorrer para a falta de gente; mas não são causas totais da falta. D. Sancho de Monque refuta todas estas causas, com a razão de que são mais antigas, que a falta de gente; e conclue, que a falta das Artes he a unica causa dos dezertos de Castella; porque depois de se perderem as Artes faltou a gente.

Esta he a razão, e não póde ser outra; mas

demos a conhecer a causa natural deste effeito. Todas as causas, que se apontão, não podião despovoar Hespanha, porque ficavão os meios para se restaurar aquella falta; que são unicamente dous: hum a fecundidade das mulheres, outro, o ter com que subsistir a gente; logo a falta das Artes tirou este segundo meio, e he a causa de se achar Hespanha falta de gente; a menor desta conclusão fica provada por todo este discurso.

CAPITULO 6.º

Qual he a causa, porque se perderão as Artes em Hespanha?

Dirão que Hespanha sempre foi falta de Artes; o que he falso, porque Hespanha sempre teve as Artes necessarias: ainda hoje em todos os Reinos da Europa, quando querem encarecer huma boa seda, dizem, que he Granada: e quando hum bom panno, dizem que he Segovia. Sabemos, que os Catalaens tiverão trinta Náos, com que navegavão a Levante as manufacturas Hespanholas; e hoje, que não tem que navegar, não tem huma barca. Em Messina ha huma Casa de Consulado, como em Anvers, que conserva o nome de Portugal.

Mas resta ver como se perderão as Artes em Hespanha, que ao menos servirá para conservar as poucas, que ha no Reino, quando não cuidemos em introduzi-las de novo. Os descobrimentos das Indias, as grandes Colonias, que naquelle vasto mundo se sugeitarão, a que foi necessario acodir, foi causa de que se necessitasse de mais roupas, e de mais manufacturas, do que os Artifices de Hespanha podião fabricar; e por consequencia, que os moradores pedissem humas, e outras ás Naçoens vizinhas; as quaes com a ambição do ouro, e

prata, por que as commutavão, acodirão a Hespanha com mais copia do que se lhes pedia.

Como as mercadorias Estrangeiras erão mais vistozas, ainda que na substancia falsas, e as davão a melhor preço do que as podião dar os Artifices de Hespanha, começarão a ter grande gasto, não só nas Indias, para onde forão buscadas, mas em Hespanha: a que ajudou o ordinario erro, com que entendemos que tudo o que vem de fóra he melhor. Com este engano foi insensivelmente faltando o gasto a todos os generos, que fabricavão em Hespanha, e por consequencia perdendo-se os Artifices; porque não podião fabricar o que não gastavão; e todos se passarão ás Indias a buscar outro modo de vida.

Não se reparou neste damno, que podéra ter facil remedio no principio; e ficou Hespanha sem Artes, e sem os muitos homens, que das fabricas, e uzo dellas se alimentavão: e dando ás Naçoens Estrangeiras pelas roupas todo o ouro, e prata, que navegavão das Indias. Quem não dirá, que este foi o castigo das crueldades, que os Castelhanos executarão nos innocentes moradores daquelle vasto mundo; e que despovoando aquellas Regioens de seus antigos moradores, cahio sobre elles aquelle castigo: *Remanebitis pauci numero?*

CAPITULO 7.º

Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introducção das Artes.

A Introducção das Artes he util, e necessaria a todas as Naçoens do Mundo; mas especialmente a Portugal mais necessaria, e util, que a nenhuma outra Nação: 1.º porque a falta das Artes lhe será mais damnoza, que a nenhuma outra Nação,

2.º Porque a abundancia das Artes lhe será mais util, que a nenhuma outra, pela sua situação; e pela incomparavel qualidade do Porto de Lisboa.

Quanto ao primeiro ponto, que a falta das Artes será mais damnosa a Portugal, que a nenhum outro Reino, se prova facilmente. A Nação Portugueza naturalmente bellicoza, e ambiciosa, não intentou estender-se, e accrescentar o Dominio em Europa; ou por guardar a boa fé com os vizinhos; ou porque a destinou Deos (como parece) para outros fins: e não cabendo nos limites deste Reino, sahio a conquistar, e descobrir o Mundo, primeiro em Africa, depois em Asia, e na America: nesta ultima parte possue oitocentas leguas de Costa, que achámos inculta, e barbara; mas sem duvida a mais rica, fertil, e ditoza parte do Mundo. Nella temos varias Cidades, onde em poucos annos de paz crescerão em numero os habitadores; e ao mesmo passo que crescerão, necessitarão o genero de roupas, e manufacturas da Europa, dando em troca tudo o que a cultura tem até agora descoberto, e todas as riquezas, que o tempo, e industria podem descobrir. Se as obras, de que necessitarem, forem Estrangeiras, será tambem dos Estrangeiros a utilidade, que a nossa industria descobrir nellas, e o nosso trabalho cultivar; e viremos a ser no Brazil huns feitores das Naçoens da Europa, como são os Castelhanos, que para ellas tirão das entranhas da terra o ouro, e a prata.

A experiencia nos tem mostrado isto mesmo em Moçambique, ou nos Rios de Senna, aquella vasta e riquissima Região, que possuimos sem conhecer, necessita de roupas, pelas quaes nos dá muito ouro, e marfim, que por ellas recebemos; e porque as roupas são da India, para a India vai todo o ouro e marfim: por ultima conclução, a introducção das Artes há de obrar, que sejamos

senhores uteis do Brazil; e a falta dellas, que seja o dominio util naquelle estado, das Naçoens da Europa.

Este Reino tem pela introducção das Artes, duas utilidades especificas, que não convém a nenhum outro Reino: a 1.ª he, que corre a elle por caminho mais natural todo, ou a maior parte do dinheiro, que corre de Castella para as mais Naçoens da Europa; porque tem leguas de Confinente, com que estamos unidos a ella, serão outras tantas portas para entrarem as fazendas lavradas, tanto a melhor preço, como se poupará de fretes, de cambios, de seguros, de piratas, e riscos do mar; os Castelhanos tem hum grande interesse nesta parte: porque he certo, que os Estrangeiros lhes fazem a guerra com o seu ouro; e que nós, sendo invadida Hespanha, acodiremos a defende-la. Tão cega he a sua paixão; e tão mal entendida nesta parte, que defendem de nós com maior cuidado o seu commercio, que das mais Naçoens da Europa.

CAPITULO 8.º

Continúa a mesma materia.

A Segunda utilidade especifica he, que o Porto de Lisboa he sem questão entre os homens, que escrevem, e fallão neste particular, hum dos melhores dous portos do Mundo, = que são Lisboa, e Constantinopla, = e por consequencia estas duas Cidades, unicamente capazes de serem os maiores dous Emporios do Mundo: ambos são igualmente grandes, e seguros. Constantinopla está entre dous mares, situada em Europa, visinha da Asia, e não distante da Africa; mas a situação de Lisboa he incomparavelmente melhor, porque está na Oceano, e sessenta leguas ás portas do mediterraneo,

Antes que dobrassemos o Cabo da Boa Esperança, e antes que se descobrisse a America, se poderia considerar Constantinopla em melhor situação, a respeito do Mundo conhecido; mas depois que pelos mares se communicou o Occidente com o Oriente; depois que se descobrio hum novo Mundo, Constantinopla he o melhor Porto do Mediterraneo; mas Lisboa o melhor Porto do Mundo.

Isto supposto; o commercio se faz, ou pelas producçoens da natureza, ou pelas obras da Arte: o Reino he abundante das producçoens da natureza; mas porque a Providencia as dividio pelos climas, Lisboa as póde receber de todos, e mandar de huns a outros mais facil, e commodamente. Se tiver obras da arte em abundancia, como póde ter as producçoens da natureza, será senhora do Mundo.

Amsterdão he huma Cidade, que está oito mezes do anno coberta de neve, e que tem quatro canaes, e portos gelados: as estradas necessitão de que todos os annos se limpem, e abrão: todos os ventos rijos lhe são contrarios, e poucos brandos lhe são favoraveis: mas todos estes defeitos da natureza suprio a industria, e o trabalho dos homens: de sorte que Amsterdão com as artes, e com o commercio se fez porto celebre, e riquissimo.

Londres, tem huma ribeira capacissima, e he Corte, e cabeça de hum grande Reino; mas o que a faz grande, e populoza são as Artes; de sorte que, se lhe tirassem as Artes, seria huma Aldêa, em que assiste hum Rei, e a sua Corte.

Muitos entendem que a causa da grandeza de Paris procede de ser cabeça de hum grande Reino, e assistir nella a Corte; mas vemos, que Madrid he cabeça de hum grande Reino, e assiste nella hum grande Rei; e he com tudo huma Aldêa, comparada com Amsterdão, Londres, e Paris.

CAPITULO ULTIMO.

Que a introducção das Artes fará crescer as Rendas Reaes.

HE possivel a prova, e consequencia infallivel de tudo o que temos dito. Tudo o que crescer com as Artes o numero das gentes, crescerão as rendas nos annuaes, de que se tirão Tributos; porque os Tributos crescem ao mesmo tempo, que se augmenta o numero das pessoas, que tributão. O pezo, que levão poucos, dividido por muitos, he mais facil de levar, e pódem ser maiores as rendas da fructa, carnes, pescado, e vinho &c. Rendem por exemplo 300$ reis com 100$ moradores: hão de render por consequencia certa 600$ reis com 200$ moradores. Dirão que ha de diminuir a Alfandega por falta das entradas das fazendas: esta diminuição não póde comparar-se com as utilidades apontadas; além de que se dobra, e multiplica por outros caminhos. Supponhamos, que toda a lan, que ha no Reino, se fabrica nelle, quando da mão do Lavrador até á do Alfaiate não pague mais que 5 por 100, dobra o que a falta das entradas póde diminuir. Este mesmo argumento serve para todas as outras materias; além de que, a fabrica he facil, e necessaria; e de que se póde fazer estanco, com grande utilidade do Patrimonio Real.

Conclusão deste discurso.

SEja a conclusão deste discurso hum lugar da Escriptura nos Proverbios, a favor das Artes. Faz o Sabio hum retrato da mulher forte, e diz, que buscou lan, e linho, *Quæsivit lanam, et linum*, e fez fabrica de huma e outra materia, *et operata est consilio manuum suarum*, fez a sua casa huma Não de mercadorias, que traz o sustento, e riqueza de partes remotas, *facta est quasi Navis institoris, de longe portans panem*: achou gasto, e proveito no seu trabalho, *gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus*: fez roupas, que vendeo depois de dar a todos os seus domesticos dois vestidos: *sindonem fecit, et vendidit; omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus*.

Hum Reino he huma grande familia: se nelle se obrar o que fez a Matrona na sua casa, se seguirá infallivelmente, que as riquezas, que vamos buscar por tantos perigos a tão diversos climas, serão patrimonio do mesmo Reino: seremos muitos em numero, unica felicidade das Monarchias: cultivaremos huma terra fertilissima, que ha de pagar os beneficios, que lhe fizermos, com abundantes fructos. Teremos gente para a guerra, para as Colonias, e para as Armadas; e daremos occupação aos sugeitos, e desterraremos da Republica a ociosidade, mortal inimiga da Sociedade Civil. Faremos Lisboa o mais rico Emporio do Mundo; deposito, e escolha de todo o commercio delles. Crescerá o Patrimonio Real, com maior numero, e maior riqueza dos Vassallos. Não se tirão de nós os Estrangeiros, que commummente nos estimão por Indios da Europa; e conseguiremos a felicidade, que logrou no fim do seu trabalho a Mulher forte, *Ridebit in novissimo die.*

Paris o ultimo de Abril de 1675.

Duarte Ribeiro de Macedo.

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro.

PElos annos de 1693 governou o Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, e por seu falecimento ficou o Senado regendo esta Capitania.

D. João de Lancastro, sendo Governador Geral do Estado, proveo o Governo do Rio de Janeiro em André Cosaco, Iriandez, e Mestre de Campo do Terço velho da Cidade da Bahia, que delle se apossou a 7 de Outubro de 1694.

Depois veio Sebastião de Castro Caldas, que tomou posse a 19 de Abril de 1695.

Artur de Sá e Menezes, que foi o primeiro Governador, que a este titulo ajuntou o de Capitão General, tomou posse a 2 de Abril de 1697. A 15 de Outubro do mesmo anno embarcou para Santos, a fim de visitar pessoalmente as minas de S. Paulo, como lhe ordenara o Senhor Rei D. Pedro II, o em sua ausencia, ficou fazendo as suas vezes o Sargento Maior Martim Correa Vasquanes, em consequencia de huma Carta Regia, dirigida á Camara desta Cidade. A 3 de Maio de 1699 já se havia recolhido Artur de Sá e Menezes; mas por Ordem de Sua Magestade, deixou outra vez o Rio de Janeiro para hir a Minas Geraes, e nesta segunda ausencia, se devolveu o Governo a Francisco de Castro de Moraes, como El-Rei ordenara.

Artur de Sá e Menezes demorou-se pelas Minas até a chegada de seu Successor D. Alvaro da Silveira, que tomou posse a 15 de Julho de 1702. Foi no seu tempo que se construio a Casa da Alfandega.

Seguio-se D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, o qual tomou entrega do Governo

no 1.º de Agosto de 1705. Este Governador tambem foi a Minas, e na sua ausencia ficou governando o Bispo D. Francisco de S. Jeronimo, conjunctamente com o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, e com o Sargento Maior Martim Correa Vasquanes.

Antonio de Albuquerque Coelho tomou posse deste governo a 11 de Junho de 1709, e pouco tempo depois se pôz a caminho para Minas Geraes: ignora-se quem ficou governando em sua ausencia. Voltando, demorou-se pouco tempo nesta Cidade; porque o Senhor Rei D. João V. o mandou crear o Governo de S. Paulo, e Minas Geraes, que então deixou de ser subalterno, para onde partio em 1710.

A 30 de Abril do mesmo anno tornou a governar Francisco de Castro de Moraes, por Patente e Carta de Sua Magestade.

Durante esta serie de governos, apenas enunciada, e cujas particularidades, que tambem julgamos de pouco momento, não estamos em circunstancias de destrinçar pela pobreza de materiaes, durante este periodo, o Rio de Janeiro foi crescendo com vehemencia em população e riquezas, não só pelos desvelos dos Governadores, mas porque pela sua situação esta Cidade, aliás colocada em hum territorio fertilissimo, he como o centro, para onde affluem os thesouros do rico paiz das Minas Geraes; e já a este tempo era notoria a toda a Europa a sua opulencia. Esta Cidade que, por huma excepção digna de nota, havia escapado á dominação Hollandeza, no tempo em que a Bahia, Paranambuco, Espirito Santo, e outras muitas povoaçoens havião succumbido á usurpação destas, outrora nação tão florescente, esta Cidade soffre agora perturbaçoens, suscitadas pelos seus eternos inimigos os Francezes.

Sahio de França huma expedição de 5 Náos

de linha e dois Navios, commandada por João Francisco Du-clerc, trazendo gente de desembarque, com o destino, segundo alguns pensarão, de conquista, mas segundo o que parece mais verosimil, com o fito em hum saque de grande valor, effeituado de hum golpe de mão; e em hum sabbado 18 de Agosto de 1710, das 8 para as 9 horas da noite, chegarão das Fortalezas da barra as participaçoens de se haverem avistado detarde 5 embarcaçoens de alto bordo. O Governador mandou immediatamente tocar a rebate, e fez as suas disposiçoens para a defensa. Seu irmão, o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, guarnecem com o seu Terço as praias da Cidade; os Terços dos Mestres de Campo Francisco Ribeiro, e João de Paiva, forão divididos pelas Fortalezas, e mais postos, que parecem convenientemente occupar. Os Terços dos Auxiliares, e os Regimentos das Ordenanças forão tambem distribuidos por differentes pontos. Passou-se a noite nestas disposiçoens, e ao amanhecer se deixarão ver ao largo as embarcaçoens embandeiradas. Das 3 para as 4 horas da tarde vierão com a viração chegando-se as Fortalezas, dando indicios de quererem entrar a barra; pelo que a Fortaleza de S. Cruz disparou hum tiro secco, para mandarem a lancha a dizer quem erão, e donde vinhão, segundo a pratica usual; mas vendo que, a despeito daquelle signal, proseguião a vante, o repetio com bala, e empregando hum tiro no cortado da Capitania, esta deu logo fundo, e o mesmo fizerão as outras. Nesta occasião foi tomada huma Sumaca nossa, que não evitou o encontro do inimigo, por julgar aquellas embarcaçoens Inglezas. A noite se passou em desassocego; mas ao amanhecer vio-se que o inimigo se fazia ao largo, e os animos se tranquillizarão imprudentemente.

Quizerão os Francezes effeituar hum desembarque na praia da Sacopemba; mas sendo repellidos

pelos Regimentos das Ordenanças, que a guarnecião, a tempo que o Governador mandava fortalecer melhor este ponto com tropas pagas, desistirão desta empresa, e proejárão para a Ilha Grande. Chegarão defronte da povoação da Ilha, onde estava o Capitão mandante do Terço de Francisco Ribeiro, que se havia fortificado com bastidas, e trincheiras; e o intimigo depois de consumir grande quantidade de balas, e de presenciar o pouco effeito das suas bombas contra huma terra ainda na infancia, contentou-se em fazer algumas pequenas incursoens em lugares visinhos, e se dirigio para a barra da Guaratiba. Alli desembarcarão os Francezes mil e tantos homens, que se dirigirão ao sitio da Vargem, onde roubarão e destruirão as fazendas dos Monges Benedictinos, e outras que pelo caminho encontrarão. O Governador, logo que soube estas noticias, cuidou em reunir as forças todas, que tinha ao seu dispor, e se intrincheirou no Campo da Cidade, em que hoje existe a Igreja do Rozario, apoiando as suas alas nos dois morros de Santo Antonio, e da Conceição, em que existia a fortaleza deste nome. Constava o nosso exercito de 6$ homens entre pagos, Auxiliares, e Ordenanças, além de 5$ pardos e pretos armados de espingardas, ou chuços, e de 600 Indios frecheiros. Os Francezes, despresando sempre os caminhos trilhados, dirigirão a sua marcha pelo Engenho da agoa, passarão a serra de Jacarepaguá, e a descida da Varginha, vierão a Andrai, e na tarde do dia 18 se achavão no Engenho Velho, que foi dos Padres da Companhia, onde passarão a noite em tranquillidade, e contentamento. O Governador que podia paralisar na origem esta temeraria empreza, mandando defender convenientemente as gargantas, barrancos, e grande numero de passos difficeis e empidosos, onde facilmente se poderião tolher, e fazer abortar mais bem concertados planos, Fran-

cisco de Castro contentou-se de mandar ao seu encontro pequenas partidas, que mais servirão de testemunhar que de impedir o passo ao inimigo, a qual apenas soffreu na descida da Varginha a perda de 20 homens, mortos pelos tiros dos negros do Capitão José Freire, e de alguma gente, que ali se achava emboscada.

Ao romper do dia sahirão os Francezes do Engenho Velho, e se encaminhárão para a Cidade, deitando corpos flanqueadores para a direita, e para a esquerda, que se vinhão apossando das alturas, entretanto que o corpo do exercito seguia a estrada da planicie, guiado por dous miseraveis negros, que para este effeito havião trazido da Ilha Grande. Chegados ao ponto, em que a estrada se divida para o morro do Desterro, reuniráo-se no corpo do exercito os flanqueadores da esquerda, e assim unidos proseguirão para a Cidade, entretanto que os flanqueadores da direita forão detidos neste morro, que foi o theatro de huma pequena, mas brilhante acção.

Achava-se ali emboscada alguma gente de Milicias, e logo que se avistou o inimigo, Fr. Francisco de Menezes, Religioso da Trindade, que se comportou em toda esta contenda como valente soldado, conduzindo aos destes homens, fez fogo sobre o inimigo, matando-lhe muitos dos voluntarios, que marchavão na vanguarda. A isto acodirão os flanqueadores que occupavão o morro, e como erão muito superiores em numero, facilmente dispersarão a maior parte da nossa gente. Ficarão todavia 9 alentados homens sostendo o pezo todo do inimigo, e Fr. Francisco, vendo o seu heroico brio, voa por entre hum chuveiro de balas a buscar reforço para soccorre-los; encontra o Tenente Coronel de Engenheiros José Vieira, persuade-o a sahir ao monte para sustentar a briga com a esperança de soccorro, entre tanto que elle nenhum

fructo tira das suas zelosas e arriscadas deligencias. José Vieira sustenta longo tempo o choque sem querer ceder hum só passo ao inimigo; mas vendo que o soccorro não chega, e que o retirada ha forçosa, vai largando o terreno aos polegadas, e com pasmosa ordem e firmeza ganha a Igreja do Desterro, onde se encerra com 6 dos seus valentes camaradas. Aqui começa de novo huma resistencia obstinada; os nossos ganhão as janellas, donde fazem sobre o inimigo hum fogo vivo e seguro; os Francezes mais se affição pela teima de tão poucos homens, consomem em vão muitas municoens, empregão as granadas com o mesmo effeito, e só conseguem que estes bravos se entreguem, quando arrombadas as portas, e entrada a Igreja pelo inimigo, conhecem a impossibilidade de resistir por mais tempo.

O corpo do exercito proseguio para a Cidade pela rua d'Ajuda, soffrendo muito da metralha do Castello, e do fogo, que sobre elle fazião algumas patrulhas dispersas pelas esquinas, que Fr. Francisco de Menezes animava com a sua presença, que parecia reproduzir-se. Chegando á rua do Parto, dividio-se o exercito, seguindo huma porção a rua chamada do Padre Bento Cardozo, e o maior corpo a rua de S. José, procurando a marinha. O nosso exercito havia até aqui sido tranquillo e indifferente espectador de toda esta scena, e agora o General apenas destacou ao Capitão Francisco Xavier com alguma gente, para cortar a communicação do corpo, que marchava pela rua do Padre Bento. Travou-se aqui a peleja entre os dois corpos, e o inimigo não podendo suster-se, procurou retirar-se pela rua do Cano; mas crescendo cada vez mais o nosso ardor, foi constrangido a fugir á debandada, e dispersando-se pelas ruas da Cidade, forão todos ou mortos ou prisionados. Ficarão gravemente feridos deste choque o Ajudante José Correia, e alguns soldados nossos.

Entre tanto o corpo maior foi caminhando ao seu destino; fez alto defronte do Convento do Carmo, e achando alguma dificuldade em arrombar a portaria, se dirigio a atacar a guarda de Palacio. Fazia esta guarda hum corpo de estudantes, commandado pelo Capitão José da Costa Freire, e disseminados pelas janellas de Palacio, e pelos cantos das ruas contiguas, fazião fogo mortifero sobre o inimigo, o qual foi todavia ganhando terreno sobre os estudantes, e já perto de palacio começou a arrenetçar granadas. Foi admiravel a constancia e denodo, com que 48 jovens estudantes, disputarão o terreno contra todo o esforço de inimigo tão superior! Os Francezes, julgando pela resistencia que o Governador alli se achava, sahio do exercito hum Capitão com o companheiros, e desprezando o fogo dos estudantes, procurarão subir a palacio para o prisionarem: os estudantes correrão á escada a recebe-los, e depois de huma briga reunida prenderão os 9 homens, e os ligarão com mormens aos moveis de palacio: o Capitão por não querer render-se morreu pelejando. A este tempo chegava do nosso exercito o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, que dalli havia partido com o seu Terço, e sem attender a que promptamente o accompanhavão 17 dos seus soldados, investio por entre o fogo do inimigo para soccorrer o corpo da guarda, aonde foi cahir passado de huma bala. Os seus poucos soldados conduzidos por seu filho o Alferes João de Castro, que obrou proezas de valor, correrão a vingar a sua morte. Neste comenos chegou o Capitão Francisco Xavier de Castro, irmão de João de Castro, e vendo a porfiada contenda, animando os seus soldados, enfiou a sua rodella, e com a espada na mão acommetteu o inimigo, e cahindo ferido de hum pelouro, ainda assim poôde defender-se, e dar a morte a hum soldado Francez, que o pertendia passar

com a baioneta. Entre tanto continuava o combate cada vez mais vivo, e Du-Clerc, vendo-se já com menos 400 homens, mortos ao nosso ferro, observando que vinhão continuamente concorrendo Portuguezes, que o espiaçavão por todos os lados, senhoreou-se do Trapiche da Cidade, e alli quiz fazer-se forte. Até este tempo conservou-se immovel no campo o Governador Francisco de Castro; mas sabendo agora que os Francezes se achavão cercados e seguros dentro do Trapiche, entrou com o resto do exercito na Cidade, e mandou intimar ao General Francez que se rendesse. Du-Clerc continuou a resistir aficadamente; mas vendo que os nossos hião ganhando as casas visinhas ao Trapiche, donde lhe fazião consideravel damno, e que a artilheria da Ilha das Cobras hia derribando aquella casa, quiz capitular com condiçoens vantajosas, deixando-se-lhe as armas, e livre o passo para os seus navios. Esta proposta foi ouvida com indignação, e ameaçou-se o General Francez de fazer voar o Trapiche, se não quizesse render-se prisioneiro de guerra. Du-Clerc, vendo enfraccados todos os recursos, cedeu ás circunstancias, e se entregou com todos os que alli se achavão.

Durante o conflicto arderão as casas de Gaspar Soares, hoje dos Contos, que dominavão sobre o Trapiche, a que os Francezes lançarão fogo, para evitarem o damno, que dalli podia provir-lhes. No mesmo dia ardeu tambem o palacio do Governador, a casa da Alfandega, aonde se havia recolhido a polvora, e varias casas contiguas, segundo se disse, por descuido de hum negro, que hindo buscar polvora á Alfandega, se lhe disparou a espingarda junto de hum barril. neste incendio pereceu o Almoxarife Francisco Moreira da Costa, e varios estudantes.

O corpo, que ficara no morro do Desterro, quando desceu com os prisioneiros, que alli ficara

encontrou hum dos dous guias, que deu a noticia de estar ardendo o corpo da guarda, pelo que apressarão o passo, julgando facil o senhorear-se agora da Cidade. Mas já a este tempo os nossos discorrião em tumulto por toda ella, prisionando ou matando a quantos Francezes encontravão; e estes desgraçados, que procuravão esconder-se pelas casas dos habitantes, forão a maior parte sacrificados a hum barbaro e cego furor. Hum Official, que se havia refugiado em huma destas casas, com sessenta e tantos homens, e que ainda com sigo conservava alguns prisioneiros feitos no morro do Desterro, deputou hum Religioso Carmelita, que entre elles havia com a sua espada, a pedir quartel ao Governador; mas havia succedido a hum terror cobarde huma crueldade tumultuaria, e o povo insofrido, sem dar tempo a nada, se aprouve em saciar a sua raiva nestes miseraveis, que forão quasi todos mortos. Jeronimo Barbalho com a sua companhia passou tambem á espada quasi todo hum terço de cento e sessenta e tantos, que dos dispersos pelas ruas vierão dar ao nosso campo.

Do Clero foi primeiramente posto no Colegio dos Padres da Companhia; depois o passarão para o Castello; e ultimamente concedeu-se-lhe licença para tomar huma casa, onde foi assassinado na noite de 18 de Março de 1711, sem se indagar por quem, nem o saberem os soldados, que o guardavão. Foi sepultado na Igreja da Candelaria. Os outros prisioneiros forão divididos pela Casa da Moeda, e Conventos, com sentinellas á vista, mettidos depois nas prisoens da Cidade, e a maior parte mandados para a Bahia, e Paranambuco.

No quinto dia depois da victoria, appareceráo na barra as Náos Francezas, e de noite fizerão alguns signaes de foguetes; mas não sendo correspondidos, voltarão para a França com a noticia do infeliz exito daquella expedição.

A perda dos Francezes foi de 307 mortos no conflicto, de 252 feridos, e de 621 prisioneiros, em cujos numeros entrarão o General, 2 Coroneis, 4 Tenentes Coroneis, 2 Sargentos Mores, 9 Capitaens de Infantaria, 1 Tenente Fidalgo, 14 Tenentes de Infantaria, 20 Fidalgos Guardas-marinhas, entre os quaes havia alguns Titulares, e varias pessoas de distincção. Da nossa gente morrerão 54, e alguns das nossas mesmas balas, e dos feridos vierão depois a fallecer 69.

A noticia desta derrota causou nos animos ardentes dos Francezes hum desejo activo de vingarem a sua maculada reputação, e dentro em pouco tempo poserão no mar huma Armada, composta de 7 Náos, 8 Fragatas, e 2 Embarcaçoens pequenas, commandada por Duguay-Trouin, que se dispoz a recuperar as passadas perdas. Divulgou-se em Lisboa a noticia deste apresto, e o Senhor Rei D. João V, sendo de tudo informado, fez logo aviso ao Governador do Rio de Janeiro, para que estivesse em guarda, e mandou com toda a brevidade sahir a frota daquelle anno, dobrando o numero das Náos do comboi, e ordenando que as embarcaçoens mercantes de maior porte se armassem em guerra: para Commandante da Esquadra nomeou a Gaspar da Costa de Ataide, que exercia o posto de Mestre de Campo do Mar.

Partio de Lisboa a frota com todo o preciso para a defensão do Rio de Janeiro, onde se achava havia alguns dias, quando a 30 de Agosto de 1711, teve Francisco de Castro aviso de se haverem avistado da Bahia-formosa muitas velas, que parecia dirigirem-se áquella barra.

Tocou-se a rebate, guarnecerão-se as fortalezas, e fortificou-se a marinha. O povo confiava pouco no seu Governador; mas escorava as suas esperanças nas boas disposiçoens, e no valor de Gaspar da Costa, o qual se embarcou logo, e

poz em attitude de defensa as quatro Náos do comboi, e os Navios mercantes armados. Assim se conservou cinco dias, passados os quaes desembarcou, dando por falso aquelle aviso, o que começou a dar huma idéa pouco vantajosa da sua prudencia, e actividade. A 10 de Setembro do mesmo anno, chegou nova participação de terem passado Cabo-Frio, em demanda do Rio de Janeiro, 17 Embarcaçoens de alto bordo, e a perplexidade, que mostrou Gaspar da Costa, fez com que o povo perdesse o conceito, que formava da sua experiencia e sangue frio. No dia seguinte á huma hora da tarde entrarão as embarcaçoens inimigas, debaixo de huma cerração tão densa, que sómente se virão quando já estavão emparelhadas com as fortalezas da barra, que naquelle tempo não condizião com o nome, de modo que com pouca difficuldade entrarão o porto, e fundearão de fronte da Armação das Baleas, em distancia da Cidade do alcance da artilheria. Neste conflicto appareceu Gaspar da Costa de Atalde, que em vez de praticar como no primeiro ensaio, mandou marear as Náos para livra-las do inimigo, as quaes dando no baixo da Prainha, e na ponta da Misericordia, forão incendiadas por seu mando, e arderão intempestiva e lamentavelmente. Na perturbação de taes nescias disposiçoens, descobriu este official o seu desarranjo de cabeça, o qual augmentando-se mais e mais o accompanhou até a morte. Naquella tarde, e nos tres dias seguintes houve hum fogo vivissimo das Náos Francezas, e das nossas fortificaçoens; incendiou-se a casa da polvora na Fortaleza de Villegagnon, onde perecerão 3 capitaens, e muitos soldados, e ficarão 60 maltratados.

A pezar de tudo os moradores não estavão inda descorçoados: os Francezes quizerão assestar artilheria no morro de S. Diogo, mas acharão o Capitão Telles Madeira, que tolheu o seu intento

matando a huns, e prisionando os outros: Bento do Amaral morreu gloriosamente, perrendendo defender a Fortaleza de S. João, mas depois de haver feito grande estrago sobre o inimigo, com tudo os animos desfallecerão ao ver que Francisco de Castro, mandara abandonar a artilheria da Ilha das Cobras, e então se conheceu que o mal era inevitavel por falta do hum bom chefe. Os Francezes tendo noticia do abandono indiscreto daquella posição, se apoderarão logo della, e dalli começarão a bombear a Cidade, e o poserão em pratica na noite do 5.° dia da entrada do inimigo; os moradores já então a tinhão deixado, aterrados pelo incendio, que se havia ateado em Palacio, e noutros edificios, sem que os estorvasse huma grande tempestade, que houve naquella noite.

Rendidas já muitas Fortalezas, e desamparada a Cidade, vierão os Francezes occupa-la, e aproveitar hum despojo mais rico do que suppunhão; e como tinhão cabalmente preenchido os seus fins, não duvidarão prestar-se a alguma negociação com o Governador. Ao principio pedirão huma porção exorbitante de ouro, para largarem a Cidade sem a demolirem, mas a final capitularão deixa-la por 600$ cruzados, 100 caixas de assucar, e 200 bois, importando tudo em 246:800$364 reis, que se ratearão da maneira seguinte

A Fazenda Real	67:697$344 reis.
A Casa da Moeda	110:077$600 reis.
O Cofre da Bulla	3:484$960 reis.
O Cofre dos Ausentes	6:371$380 reis.
O Cofre dos Orfaons	9:733$220 reis.
Francisco de Castro de Moraes	10:987$820 reis.
Lourenço Antunes Vianna	6:784$320 reis.
Francisco de Seixas da Fonceca	10:616$140 reis.
Rodrigo de Freitas	11:165$980 reis.
Braz Fernandes Rola	6:068$080 reis.
Paulo Pinto	3:031$040 reis.

Francisco da Rocha	2:556$000 reis.
Antonio Francisco Lustoza	850$600 reis.
Thomé Farinha de Carvalho	785$600 reis.
Os Padres da Companhia	4:869$000 reis.
O Prior de S. Bento	1:575$688 reis.
Christovão Rodrigues	1:643$200 reis.

Em quanto se aprompton o resgate, para o que forão de grande auxilio os cofres, que os Ministros tiverão a precaução de pôr em salvo fóra da Cidade, nella se demorarão os Francezes sem mais commetterem hostilidade alguma; e a 28 de Outubro, depois de tudo entregue, sahirão deste porto, havendo hum anno, hum mez e 8 dias, que a fortuna lhes fora bem diverta, ou que tendo sido então peiores as suas disposiçoens, por si mesmo se gorou a sua tentativa. Esta segunda empreza, de que os Francezes alardeão, e fazem huma pomposa descripção, está bem longe de merecer-lhes a gloria, que pertendem. Provoca a riso o dizerem, que Duguay-Trouin entrara neste porto, rompendo por entre o fogo de huma prodigiosa quantidade de baterias! As fortalezas naquelle tempo estavão inda mui longe de o serem; e onde estava essa infinidade de baterias? Foi huma ficção poetica, necessaria para exornar a narração singela de huma simples obra da fortuna. Não se póde conceber como possa resultar honra de superar disposiçoens taes como as de Francisco de Castro.

Na mesma tarde, em que entrara a Armada Franceza, havia-se expedido aviso ao Governador de S. Paulo, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que então se achava em Minas Geraes, o qual apesar da indiviel presteza, com que aprompton hum soccorro de 3$ homens, bem e mal armados, e das marchas violentas que fez, chegou ao Rio de Janeiro, quando já estava feita a capitulação a que não póde dar remedio. O povo tinha concebido tal desprezo e rancor a Francisco de Castro,

que não quiz mais dar-lhe obediencia, e constrangeu a Antonio de Albuquerque Coelho a encarregar-se do Governo até a decisão de S. Magestade.

Logo que em Lisboa se souberáo estas noticias, mandou o Senhor Rei D. João V por Governador do Rio de Janeiro, ao Mestre de Campo General Francisco Xavier de Tavora, o qual recebeu o Governo das mãos de Antonio de Albuquerque, a 7 de Junho de 1711. Este Governador trouxe ordem para prender a Francisco de Castro, e a outros Officiaes, que se conservarão em asperas prisoens, até que por ordem de S. Magestade vierão a esta Cidade o Chanceller da Bahia, e dous Desembargadores, e com os Ouvidores do Rio de Janeiro, e das Comarcas de Minas, e de S. Vicente, se formou huma alçada de 7 Ministros, para sentenciarem os culpados na entrega da Praça. Juntos os Magistrados, procedeu o Chanceller á devassa, e não faltou quem infamasse de traidor a Francisco de Castro, mas não se lhe provando este crime, foi sentenciado por cobarde em degredo e prisão perpetua em huma fortaleza da India. Hum Capitão, que por fraco entregara a fortaleza de S. João aos Francezes, foi enforcado em estatua por andar ausente. Outros forão soltos e livres, por mostrarem que não tinhão feito mais do que executar as ordens do seu Governador.

Na ausencia de Francisco de Tavora para Santos, e depois para o Reino, Governou o Mestre de Campo Manoel de Almeida Castello Branco, que entregou o Governo a Antonio de Brito de Menezes a 27 de Junho de 1717. Este Governador morreu antes de concluir o Governo, e succedeu-lhe Manoel de Almeida Castello Branco, que governou esta Colonia pela segunda vez.

Seguio-se Aires de Saldanha e Albuquerque, que tomou posse a 18 de Maio de 1719. Este Ganador tambem foi a Santos; mas ignora-se quem

governou em sua ausencia. No seu tempo se conduzio a agoa para o lugar chamado Carioca.

Luiz Vahia Monteiro, tomou posse a 10 de Março de 1725. Foi no tempo do seu Governo, que se construio a fortaleza da Ilha das Cobras. Este Governador falleceu nesta Cidade, e interinamente ficou governando o Mestre de Campo Manoel de Freitas da Fonceca, que foi o antecessor de Gomes Freire de Andrade.

LITTERATURA.

Traducção em versos latinos do Ensaio sobre a Critica de Pope.

De Critica præiudicium.

Difficile est dictu, vero quis pejus aberrat,
Si male qui scribit, vel qui male judicat illum:
Credo equidem, peccet gravius qui falsa docebit,
Quam qui nos verbis, sine pondere, et arte latiget.
Hoc aliqui faciunt, illud pars maxima: pravè
Culpavere decem, quod scripserit unus inepte,
Errabat solus quondam; nunc carmina condens
Indoctus trahit innumeros sermone soluto.

Judicium horometro simile est, par omnibus ullum
It nunquam; sed quisque suo bene credit eunti.
Quam bonus ut raro Genius pro vatibus adsit,
Tam bona sic raro ratio Censoribus adstat.
Illi, illisque favet divino lumine Cœlum;
Naturâ fieri Censor, scriptor ve necesse est.
Ingenii, doceat, qui vi superemînet omnes;
Et fiat Censor, potuit qui scribere recte.
Quisque sibi, fateor, fuerit gratissimus Auctor;
Deficit an ne sui quoque in Censore voluptas?

Semina judicii, se met quicumque tependens
Inveniet multorum animis præfixa. Dat hanc vix
Languidulam Natura facem: si linea primum
Quævis adumbratur leviter, sunt ordine recto
Omnes dispositæ. Nulli pictura placebit,
Arte incœpta licet, summâ tamen illa colorum
Infelix operâ; ingenium sic proterit error.
Ineluis hîcce Scholæ labyrintho redditur; ille
Audax, quem fatuum tantum Natura creavit.
Ingenium expandens mentis contraxit acumen
Quisque; suam tunc ille parans defendere causam
Fit Censor. Quisquis queat aut non scribere plenus
Invidiâ pariter flagrat Eunuchi ve, Proci ve.

Omnis amat stolidus ridere pedisequa semper
Accedet, venietque comes ridentibus ultro:
Si male composuit, cui sit despectus Apollo,
Mævius, adveniet pejus qui judicet alter.
Ingeniosus erat quidam, mox ille Poeta
Cernitur, hinc Censor, furiis agitatus ad imum.
Judicio, ingenio que carent alii: segnes ut inertes
Moli, degeneres formâ matris quæ, patris que.
Littoribus nutrit quot semi-animacula Nilus,
Vaniloquos nutrit tot semi-Britania doctos:
Nemo scit, informis gentis quo nomine signet
Hoc genus ambiguum: nomen producitur illis
Vix centum linguis, aut quâ tantummodo linguâ
Centum auditores urget recitator acerbus.
Qui vultis famâ donari, et reddere famam
Præclarum merito nomen Censoris adepti,
Noscite vos ipsos, vestras perpendite vires,
Quid valeat vobis ratio, sapientia, sensus;
Pes ubi deficiet, tuto non traditur undis;
Sistite prudentes; pravo discernite rectum,
Cum sit utrumque animo. Naturâ in limite certo
Omnia signantur, sapienter vana tumentis
Mens premitur. Terris ut cum proruperit æquor,
Huc pelagus refluens, illuc nova littora ponit;
Sic solida ratione caret, meminisse potenter
Cui licet: et sicui radians phantasia crescit,
Sentiat hic memores animo cecidisse figuras
Perdulces. Uni satis una scientia cordi;
Quam longum est spatium artis, tam brevis area mentis
Non totam amplexæ quam partem amplectitur unam
Arte suâ. Ut reges cæca ambitione coacti
Perditimus vetus imperium, nova regna petentes:
Quæ datur, huic tantum det jus, Provincia cuique
Hæc sibi sufficiat, plus ultra haud tendere curet.
Naturæ justum, ac nunquam variable signum
Judicio primum ponatur regula vestro.
Natura haud errans, semper divina refulgens

Clara, patem constans lux omnibus; omne decorum
Viribus, et vitâ, et formâ; simul illa videtur
Principium, finis, pariterque criterion artis.
His ars divitiis eadem ditissima fiet;
Nec pompam ostentans præcrit dux illa laborum:
Virax haud aliter, pulcherrima corpora pascens,
Spiritus intus alit, virtute, et robore complet,
Præscribit motus, ac nervos excitat omnes
Effectu tantum, visu non cognitus ulli.
Queis cœlum ingenium det prodigialiter, illis
Pluris opus fuerit, propriis ut tendat in usus;
Judicio ingenium non raro namque repugnat,
In que vicem quamvis, ut sponso sponsa juvandum.
Aptius esse potest ferrato calcare pulsus
Musarum sonipes, passu laxatier omni,
Quam reprimi furia, et justo moderamine duci.
Ut generosus equus, fevibus sic Pegasus alis
Amplius ardescit cursu compressus habenis.

Continuar-se-ha.

A Palinodia a Nize, Traduzida de Metastacio. (4)

JÁ, o Nize, os meus enganos
Eu conheço socegado:
Ali' perdoa a hum desgraçado
O desprezo, que mostrou.

Dos ferros, que me prendião
Me gabei de estar já fóra:
Enganei-me; pois agora
Inda mais cativo estou.

Já extinto o fogo antigo
Se inculcava socegado:
O mesmo semblante irado
Trahia a minha paixão.

Mude, ou não a côr do rosto,
De ouvir teu nome no instante:
Que todos lem no semblante
O que está no coração.

Sempre acordado te vejo,
Ou se sonho alguma vez:
E onde mesmo tu não és,
Minha alma te pensa ver.

(4) Tendo chegado á minha mão muitas traducçoens da bella Cançoneta de Metastacio intitulada *a Liberdade*, não vi ainda alguma da Palinodia; talvez pela dificuldade de ser pelos mesmos consoantes. Não querendo augmentar o numero das traducçoens da primeira, aproveitei a de Alexandre de Gusmão, impressa no N.º 1.º a pag. 42. Muitas vezes julguei impossivel copiar o pensamento do A, atado tão fortemente. O Publico julgará como enchi alguns poucos momentos roubados a mais seria aplicação.

Das tuas graças ausente,
Em ternas ancias suspiro;
Se estás presente, deliro
De alvoroço e de prazer.

Só de teus encantos fallo
Mavioso e enternecido,
Outra lembrança offendido
Me faz de repente irar.

Se alguem vejo de mim junto,
Te nomeio perturbado:
Do proprio rival ao lado
De ti costumo fallar.

Ou mostres altivo o rosto,
Ou concedas terno agrado,
O teu desprezo he baldado,
A minha defeza em vão.

Só o teu imperio tem
Para mim doçura uzada:
Da ventura a só estrada
Existe em teu coração.

O prazer encaro triste,
E o tormento socegado,
Se este por ti he causado,
Se o outro vem sem teu favor.

Ri-se com tigo a campina,
Salta alegre a fonte pura:
A morada mais escura
Com tigo não causa horror.

Ora vou fallar sincero:
Não só me pareces bella:
Não só te conheço aquella,
Sem par, sem comparação.

Porém, injusto á verdade,
Nada mais acho perfeito:
Fóra de ti he defeito,
O que em ti amei então.

Contente arrastro as cadêas,
Que em vão (por vergonha minha)
Pensei já quebradas tinha,
Renunciando a viver.

Quiz minha alma evitar penas,
Para mais afflicta ver-se:
Não mais quererá vencer-se,
Não póde tanto soffrer.

Passarinho, que se enlaça
Em traidor visco, innocente,
Em vão procura contente
Libertar-se da prizão.

Esvoaça em curto espaço,
Mas apegão-se as penninhas,
De soltar-se das varinhas
Não encontra occasião.

Eu, sinto (qual tu não julgas)
Despertar o fogo antigo,
Quanto mais vezes o digo,
Tanto menos sei callar.

Loquaz propensão, ó Nize,
O amante a queixas convida,
Nas vêas a chamma lida,
Gasta-se o tempo em fallar.

Pragueja á Marte o Soldado,
Se as suas feridas conta:
Mas eis que a bandeira aponta,
Não lhe lembra o que apanhou.

O escravo estima os ferros,
Em que saudoso gemia,
Já se esquece de alegria
Do seu pezo, que arrastou.

Fallo, mas só desabafo
Quando de ti me entretenho:
Não procuro novo empenho;
A constancia tu me dás.

Fallo, mas perdão procuro,
Se a expressão te não agrada:
Na posse mais socegada
Da minha alma, ó Nize, estás.

A hum peito não inconstante,
A hum amante verdadeiro,
Ah! o teu amor primeiro
Venha outra vez consolar.

Nenhum engano achar podes
Neste teu rendido amante:
Jámais huma alma inconstante
Nize em mim has de encontrar.

Dá-me de paz hum penhor,
Dá-me, ó Nize, o coração,
E ouvirás cantar de amor
Quanto cantei de aversão.

Elmano Bahiense.

A MELANCOLIA.

*Tradução de huma passagem do Poema da Imaginação, por Delille, em igual numero de versos que o Original. Por B.****

QUE he isto? Oiço ao longe hum surdo estrondo!
São ruinas d'hum Templo, que baqueà;
Quaes os Romanos, suas obras morrem;
Mas idiondo não fica o sitio ameno,
Tem da Melancolia o ár suave.
O' mais doce, mais puro sentimento,
Melhor do que a alegria! de infelices
Querida companheira, terna amiga!
Que pincel fingir póde as cores tuas?
O teu morno surrizo me apraz tanto,
Quanto as lagrimas tuas me internecem.
A' desesperação logo que he dado
Lagrimas derramar, he no teu seio
Que as vai depôr; e sabes mitiga-las.
Co' seu teu meigo pranto, confundindo.
A alegria importuna á dor insulta,
E teu mácio balsamo consola:
Com maviozo aspecto, és tu que sabes
A' desgraça surrir, és tu que afavel
Acarinhas a dor, o mal serenas:
Do mal ao bem passagem delicada,
Se prazer tu não és, não és tormento,
A desesperação não te avizinha,
E distante de ti vive a alegria.
Mas filha da desgraça tens seus traços.
Selvagem foge ás vistas indiscretas,
O crepusculo basta a seu retiro:
De longe com prazer escuta os ventos,
Os mugidos do mar, do rio a queda;
Gosta dos bosques, os desertos busca:
Só com seu coração melhor se nutre,
Goza melhor de si, melhor se entende:

Triste hum tanto, e calada a Natureza,
He quando mais lhe agrada, he quando he bella!
Pensa que no seu luctu vem ter parte,
Que em segredo se dóe. O astro da noite
Sua amorosa luz rotando a encontra,
Saudoso o coração, os olhos humidos.
Primavera loução, não sao teus rizos,
Pomposo Estio, não tuas riquezas,
Porém o Outono palido, e sombrio,
Sua coroa fronxo destolhando,
He sua favorita, e amiga quadra.
A grande custo a multidão procura
Transitorios prazeres: pensativa
Nutre o seu coração d'um ir, d'um nome.
Quando em tumulto as orgias das Cidades
Requintão d'alegria, e em fausto insultão,
Sobre as mãos a cabeça reclinada,
He toda a sua festa, he seu deleite,
Huma terna saudade, hum ai sentido.
Magia das Artes, e d'amor enlevo,
Vem, no meu coração vive, e em meus versos.

Ode improvisada,
Offerecida ao Senhor Alferes Jacome Timotheo de Araujo, Commandante militar da Villa de Paracatú.

FILHOS de Marte, Campioens valentes
Os peitos forrem nas guerreiras tendas,
Para cingir depois de loiro as frentes
Nas Marciaes contendas.

Afronte embora a morte Athleta armado,
Na guerra insulte intrepido os perigos
Allege por brazão que sabe ousado
Debellar inimigos.

Se no escudo de Pallas não aprende
A manejar a lança, então que gloria
Seu valor indiscreto obter pertende
Na posthuma memoria ?

Se Minerva com provido artificio
Não inspira dictames engenhosa,
Quem cantará no bellico exercicio
Bellona victoriosa ?

Sabedoria excelsa, dom sagrado !
Sem ti não marcha Scipião seguro,
Para deixar ás epocas gravado
Seu nome em bronze duro.

E's tu a que com moros regulares,
Quando travados batalhões combinas,
Para salvar as tropas militares
Evoluçoens ensinas.

E's tu, a quem o Alumno de Mavorte,
Jacome honrado, com fervor offrece
Applicação na Tactica tão forte,
Que o loiro já merece.

Manda em linhas formar a gente Equestre,
E á face do Esquadrão belligerante
Faze o elmo cercar, Daphne campestre,
Da rama viridante.

Do Padre Domingos Simões da Cunha.

Ao alvoroço, e alegria, com que os povos da Capitania de Minas Geraes esperavão, e desejavão ver a Sua Excellencia o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde Mylord Strangford, Embaixador de S. M. Britannica junto ao Principe Regente Nosso Senhor, e que pertendia viajar na referida Capitania.

SONETO.

REja Britannia o mar ! Deos salve, e guarde
O Grande Rei do Povo Armipotente !
O poderoso Imperio do tridente
Extinga o fogo, que nas terras arde !

O vôo altivo, o temerario allarde
Das Aguias cortará a invicta gente !
Proscripta a Paz no infausto Continente
Surgirá d'Albion, ou cedo, ou tarde !

Ministro Egregio : tu que representas
O Fiel, e Magnanimo Alliado
Do nosso Augusto, (e com que gloria o ostentas !)

Acceita o jubilo, o prazer, o agrado,
Com que, por vêr-te, de tropel, e attentas
Correm as Gentes do Paiz doirado.

. . . . . Dii nostra incœpta secundent,
Auguriumque suum.

Virg. En. 7.

POLITICA.

HAMBURGO.

Decreto Imperial.

Quartel General de Dresden 18 de Junho de 1813.

NApoleão, Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhin, Mediador da Confederação da Suissa, &c.

Havemos decretado, e decretamos o seguinte.

TITULO I.

Formação de huma lista de ausentes.

Art. I. FOrmar-se-há huma lista de ausentes da 32.ª Divisão militar.

Art. II. Esta lista comprehenderá —

1.º Todos os individuos que, exercendo empregos publicos, se houverem ausentado da patria, no momento em que entrou o exercito Francez.

2.º Os Senadores de Hamburgo e Lubeck, que houverem tomado aos seus empregos, depois que despejou o exercito Francez.

3.º Todos os proprietarios, que se houverem ausentado desde o 1.º de Março, e não voltarem dentro em quinze dias da publicação do presente decreto.

4.º Todos os individuos, que aceitarão o posto de official nas recrutas do inimigo; todos os individuos que servirão na Legião Hanseatica, ou tomarão parte nas magistraturas creadas pelo inimigo.

5.º Todos os individuos, que se souber haverem formado parte dos ajuntamentos armados, e haverem desafiado o povo á rebellião.

6.º Todos os individuos, que constar que estão ao serviço de Inglaterra, seja civil, seja militar; todos aquelles, que se souber que estão ao serviço da Russia e Prussia, quer civil, quer militar.

7.º Finalmente todos os individuos, que houverem desamparado suas casas depois do 1.º de Março deste anno, e que não houverem voltado dentro em quinze dias depois da publicação do presente Decreto.

Art. III. A lista destes individuos será formada sem demora, debaixo das ordens do Principe de Eckmuhl, por departamento, districto, cantão, e municipalidade. Para este fim os Prefeitos de cada districto e cidade nomearão huma Commissão. As listas serão renovadas todos os quinze dias, e remettidas ao Ministro de Policia Geral, e ao Director Geral dos Dominios e Registros.

TITULO II.

Dos effeitos da ausencia.

Art. IV. POr-se-há sequestro immediatamente sobre os bens, moveis e de raiz, de todos os individuos, que entrarem na lista dos ausentes da 32.ª divisão militar. A nossa Meza de Dominios e Registros, tomará immediatamente posse dos mesmos, e enviar-se-há ao Director Geral, hum mappa do valor de todas as propriedades assim apprehendidas.

Art. V. Em quanto qualquer individuo estiver na lista dos ausentes, não poderá exercer algum acto civil. As dividas, de que são credores, os bens que herdarem, serão sequestrados e arrecadados a beneficio do nosso dominio. O producto da dita propriedade será pago no cofre do Registro.

Art. VI. Os individuos, que huma vez houverem entrado na lista dos ausentes, e os seus bens estiverem em poder da Meza dos Dominios, não

poderão ser riscados da dita lista, nem remover-se o sequestro de seus bens sem hum Decreto nosso.

Art. VII. Os nossos Ministros de Finança, do Erario, da Guerra e de Policia, são encarregados da execução deste Decreto, que será inserido no boletim das Leis, e communicado ao Major General, ao Director da Administração do exercito e ao Principe de Eckmuhl.

(Assignado) Napoleão.
Pelo Imperador
O Ministro Secretario de Estado Conde Daru.

Decreto do Principe de Eckmuhl.

NÓs, Marechal Principe de Eckmuhl, Governador General da 32.ª Divisão, em virtude das Ordens de Sua Magestade o Imperador e Rei, e dos poderes á nós conferidos pelo Decreto de 10 de Abril, acerca dos Departamentos Hanseaticos, havemos decretado, e decretamos o seguinte:

I. Impõr-se-ha á Cidade de Hamburgo, por via de castigo, huma contribuição extraordinaria de 48 milhoens de francos.

II. Toda esta contribuição será paga no espaço de hum mez contado de 12 do corrente.

Os pagamentos serão feitos em seis partes: o primeiro sexto a 12 de Junho; o segundo a 28; o terceiro a 25; o quarto a 30; o quinto a 5 de Julho; e o sexto a 12.

III. Guardar-se-hão rigorosamente estes periodos de pagamento. Os tres primeiros sextos se pagarão em moeda, os outros em letras sobre Paris, pagaveis a tres mezes.

IV. Serão nomeados por nós Commissarios das Repartiçoens, por justa representação do Conselheiro de Estado, do Intendente Geral das Finanças, do Prefeito e do Director Geral da Policia.

V. Estes Commissarios farão mais pezada a imposição sobre aquelles, que por contribuiçoens voluntarias, ou outros procedimentos, tomarão parte nos actos de rebellião, que occorrerão desde 24 de Fevereiro de 1813.

VI. Em caso de não pagarem, os bens moveis e de raiz, de qualquer natureza, serão sequestrados, e ficarão responsaveis pela totalidade das somas impostas, e isto sem prejuizo dos processos pessoaes.

VII. Jornaleiros mechanicos, e trabalhadores, serão isentos desta imposição, bem como os mestres de artes e officiaes, pagando sómente 24 francos, ou menos, por suas licenças, salvo se o seu procedimento, ou a sua fortuna fizer que a taxa lhes seja applicavel.

(Seguião-se sete artigos mais que simplesmente regulão o modo de repartição, e outras explicaçoens, para pôr em effeito o Decreto.)

Outro Decreto da mesma data nomea Commissarios M. Chapeaurouge, Peter Godefroy, Oppenheimer, Schroder, Faber, residente em Jungfernstieg; Anderson, Conservador de Mortgages; e Rentzel, em Admiralty-street.

INGLATERRA.

Finanças e Commercio da Gran Bretanha.

IMprimio-se o Mappa annual, apresentado ao Parlamento, das Finanças e Commercio do Paiz; e delle fizemos os seguintes extractos relativos á receita e despeza do anno, que teve fim a 5 de Janeiro de 1813.

As rendas daquelle anno, inclusivo o emprestimo, subirão a 95,712,695 lib.; produzirão os tributos dentro do mesmo periodo 13,131,548 lib.

A despeza total durante o anno, que findou em 5 de Janeiro de 1813, foi 104,398,248 lib.

A divida publica durante o mesmo periodo custa ao paiz 36,607,128 lib.: das quaes 23,482,510 passarão ás mãos dos Commissarios para a amortização da divida nacional.

Apresentamos huma vista comparativa das Importaçoens do paiz em tres annos, acabando a 5 de Janeiro cada hum:

1811	Importaçoens	L 36,427,722
1812	Dito	24,520,329
1813	Dito	22,994,843.

Em nenhuma das tres sommas acima dadas se incluem as importaçoens da India. Ellas chegarão no anno que terminou a 5 de Janeiro de 1812, a 4,106,251 lib.

Tabella comparativa da importação de trigo; para dar huma prova convincente de que cada vez dependemos menos dos Estrangeiros naquelle artigo necessario.

1811	Importação de trigo	L. 2,701,240
1812	Dito	465,905
1813	Dito	378,872

Mappa comparativo da importação do caffé, algodão e assucar nos tres annos referidos.

Caffé.

1811	L. 5,312,795
1812	3,646,814
1813	2,573,614

Algodão.

1811	3,882,423
1812	2,990,821
1813	2,166,413

Assucar.

1811	L 6,499,044
1812	5,324,409
1813	5,083,396

As importaçoens da Irlanda tem crescido regularmente.

1811	3,280,747
1812	3,318,879
1813	3,531,269

Mas se a importação da Gran Bretanha abatteu no anno passado, a exportação cresceu. Offerecemos hum mappa comparativo da nossa exportação em tres annos, que findarão a 5 de Janeiro de cada anno.

1811	Exportação	L. 34,923,575
1812	Dito	24,141,724
1813	Dito	31,213,162

O valor real das producçoens, e manufacturas Inglezas exportadas, segundo a avaliação da Alfandega, he 43,057,864 lib.

Além do que, o valor das mercadorias estrangeiras exportadas he o seguinte:

1811	10,946,284
1812	8,877,937
1813	11,098,179

Estas exportaçoens compunhão-se dos artigos seguintes.

Algodoens.

1811	18,033,794
1812	12,745,501
1813	15,792,806

Lans.

1811	5,703,719
1812	4,320,497
1813	5,084,991

Café.

1811	L.	1,435,427
1812		1,418,034
1813		1,382,730

Assucar.

1811		1,471,697
1812		1,215,119
1813		1,370,277

Embarcaçoens e Navios da Gran Bretanha, e suas dependencias, em 8 annos, acabando cada hum a 30 de Septembro.

1810 Numero de embarcaçoens		23,703
1811 Dito		24,166
1812		24,107

As quaes no ultimo anno mencionado tinhão de tripulação 166,030 marinheiros.

ALLEMANHA.

Decreto Imperial.

EM o nosso Campo Imperial de Klein-Baschweitz, sobre o campo de batalha de Wurtchen, a 22 de Maio de 1813, ás 4 horas da manhan.

Napoleão, Imperador dos Francezes, &c. &c. Havemos decretado e decretamos o seguinte:

Art. I. Levantar-se-ha hum monumento sobre o Monte Cény. Na face deste monumento, que ha de olhar para Paris, se inscreverão os nomes de todos os nossos Cantoens de Departamentos daquem dos Alpes. Na face que ha de olhar para Milão, gravar-se-hão os nomes de todos os nossos Cantoens de Dapartamentos além dos Alpes, e do nosso Reino da Italia.

Na parte mais visivel do monumento se gravará a seguinte inscripção:

„ O Imperador Napoleão, sobre o campo de batalha de Wurtchen, ordenou a erecção deste monumento, como huma prova da sua gratidão ao seu povo de França, e de Italia; e para transmittir á mais remota posteridade a lembrança daquella celebre época, quando, em tres mezes, 1,200,000 homens correrão as armas, para segurar a integridade do Imperio e de Seus Alliados. „

(Assignado) Napoleão.

O Ministro Secretario de Estado Conde Daru.

SUECIA.

Tratado de Alliança e subsidio entre Sua Magestade Britanica, e o Rei da Suecia, assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813. (Remettido ás duas Camaras do Parlamento, Sexta feira 11 de Junho.)

Em nome da Santissima, e Indivisivel Trindade.

SUA Magestade o Rei do Reino-Unido da Grã Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rei da Suecia, igualmente animados do dezejo de estreitar mais os laços de amizade e boa armonia, que entre elles tão felizmente existem, e convencidos da urgente necessidade de firmar, entre hum e outro, huma intima alliança para a conservação da independencia do Norte, e de accelerar a tão suspirada época de hum paz geral; concordárão em dar providencia a estes dois objectos pelo presente Tratado. Para este fim escolherão por seus Plenipotenciarios, a saber: Sua Alteza Real o Principe Regente em nome e por parte de Sua Magestade o Rei do Reino-Unido da Grã Bretanha, e Irlanda, ao Honora-

lle Alexandre Hope, Major General dos Exercitos de Sua Magestade, e a Duarte Thornton, Escudeiro, Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto de Sua Magestade o Rei da Suecia; e Sua Magestade o Rei da Suecia a Lourenço, Conde de Engestron, hum dos Grandes do Reino da Suecia, Ministro de Estado, e dos Negocios Estrangeiros, e Chancellor da Universidade de Lund, Cavalleiro Commendador das Ordens do Rei, Cavalleiro da Real Ordem de Carlos XIII., Grande Aguia da Legião de Honra de França; e a Gustavo, Barão de Wetterstedt, Chanceller da Corte, Commendador da Ordem da Estrella Polar, hum dos Deputados da Academia Sueca; os quaes depois de haverem trocado seus respectivos Plenos-poderes, achados em boa e devida forma, convierão nos seguintes artigos:

I. Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a empregar hum corpo de não menos de 30$ homens, em huma operação directa no Continente contra os inimigos communs das duas Altas Partes Contractantes. Este Exercito obrará de concerto com as tropas Russas, postas debaixo do commando de Sua Alteza Real o Principe Real da Suecia, conforme as estipulaçoens para este effeito já existentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo.

II. Tendo as ditas Cortes communicado a Sua Magestade Britanica os ajustes entre ellas existentes, e tendo formalmente pedido a accessão de Sua Magestade a ellas, e tendo Sua Magestade o Rei da Suecia, pelas estipulaçoens mencionadas no artigo precedente, dado huma prova do dezejo, que a anima, de contribuir tambem da sua parte para o bom exito da causa commum; Sua Magestade Britanica, dezejando em retribuição dar huma prova immediata e não equivoca da sua deliberação de unir seus interesses aos da Suecia, e da Russia,

promette, e se obriga pelo presente Tratado, a acceder ás convenções já existentes entre aquellas duas Potencias, de maneira que Sua Magestade Britannica, não só não oppora obstaculo algum á annexação, e união para sempre do Reino da Noruega, como parte integrante do Reino da Suecia, mas tambem auxiliará os designios de Sua Magestade o Rei da Suecia para este fim, quer por meio de seus bons Officios, quer empregando, se necessario for, a sua cooperação naval unida com as forças Suecas, e Russas. Deve com tudo entender-se que não se recorrerá ao meio da força para effeituar a união da Noruega á Suecia, senão no caso de Sua Magestade o Rei de Dinamarca previamente haver recusado unir-se á Alliança do Norte, debaixo das condiçoens estipuladas nas convenções subsistentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo; e Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a que esta união se conclua com todo o possivel respeito e attenção á felicidade, e liberdade do povo da Noruega.

III. Para melhor se effeituarem as obrigaçoens contrahidas por Sua Magestade o Rei da Suecia no primeiro artigo do presente tratado, que tem por objecto operaçoens directas contra os inimigos communs das duas Potencias, e a fim de pôr Sua Magestade Sueca em estado de começar sem perda de tempo, e assim que a estação o permittir, as ditas operaçoens, obriga-se Sua Magestade Britanica a subministrar a Sua Magestade o Rei da Suecia (além dos outros soccorros, que as circunstancias geraes poserem á sua disposição), para o serviço da campanha do presente anno, bem como para o fornecimento, transporte, e manutenção das suas tropas, a somma de hum milhão esterlino, a pagar mensalmente em Londres ao Agente, que for authorisado por Sua Magestade Sueca para o receber, de modo que o pagamento não passe de 200 mil

libras esterlinas por mez, até ser paga toda a dita summa.

IV. Convencionarão as duas Altas Partes Contratantes, que a Sua Magestade o Rei da Suecia se fará hum adiantamento, (cuja summa e tempo do pagamento determinarão entre si, e será deduzida do milhão acima estipulado) para a entrada em campanha, e para a primeira marcha das tropas; o resto do subsidio acima mencionado deve começar desde o dia, em que desembarcarem as tropas Suecas, conforme está estipulado pelas duas Altas Partes Contractantes no primeiro artigo do presente tratado.

V. As duas Altas Partes Contractantes desejando dar huma solida, e permanente garantia ás suas relaçoens, tanto politicas como commerciaes, animada Sua Magestade Britanica do desejo de dar ao seu Alliado evidentes provas de sincera amisade, consente em ceder a Sua Magestade o Rei da Suecia, e a seus successores á Coroa da Suecia na ordem da successão estabelecida por Sua dita Magestade, e pelos Estados Geraes do seu Reino, em data de 26 de Setembro de 1810, a posse de Guadalupe nas Indias Occidentaes, e em transferir a Sua Magestade Sueca todos os direitos de Sua Magestade Britanica sobre aquella Ilha, do mesmo modo como Sua dita Magestade actualmente a possue. Esta Colonia deverá ser entregue aos Commissarios de Sua Magestade o Rei da Suecia, no decurso do mez de Agosto do corrente anno, ou trez mez depois do desembarque das tropas Suecas no Continente; devendo tudo executar-se na conformidade das condiçoens ajustadas entre as duas Altas Partes Contractantes, no artigo separado, annexo ao presente tratado.

VI. Como huma consequencia reciproca do que fica estipulado no artigo antecedente, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a conceder, por espaço de 20 annos, a contar da data da troca das ratificaçoens do presente tratado, aos Vassallos de Sua Magestade Britanica, o direito de porto-franco nos portos de Gottenburgo, Carisham, e Stralsund (logo que este ultimo tiver voltado ao dominio da Suecia), para todas as mercencias, producçoens, ou fazendas, sejão da Grã Bretanha, ou de suas Colonias, carregadas a bordo de embarcaçoens Britanicas, ou Suecas. Os ditos generos, ou fazendas, quer sejão de qualidade de poderem ser admittidos, e pagar direitos na Suecia, quer seja prohibida a sua entrada, pagarão sem distincção, como direito de porto-franco, hum por cento, *ad valorem*, á entrada, e o mesmo á sahida. Pelo que pertence a qualquer outra circunstancia, relativa a este objecto, conformar-se-ha tudo aos regulamentos geraes, existentes na Suecia; tratando sempre os vassallos de Sua Magestade Britanica do mesmo modo que os das nações mais favorecidas.

VII. Desde o dia da assignatura do presente tratado, Sua Magestade o Rei do Reino da Grã Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rei da Suecia reciprocamente promettem não separar seus interesses, e particularmente os da Suecia, referidos nos presente tratado, em qualquer negociação com seus inimigos communs.

VIII. A ratificação do presente tratado será trocada em Stockolmo dentro de quatro semanas, ou antes, sendo possivel.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude dos nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado, e o seltamos com o sello das nossas armas.

Feito em Stockolmo aos 3 de Março, no anno do Senhor, mil oitocentos e trese.

Alexandre Hope (L. S.)
O Conde d'Egenstrom. (L. S.)
Duarte Thornton. (L. S.)
G. Barão de Wetterstedt. (L. S.)

Artigo separado.

Como huma consequencia da cessão feita por Sua Magestade Britanica, no 5.º artigo do Tratado assignado hoje, da Ilha de Guadalupe, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga: —

I. A encher fielmente, e observar as estipulaçoens da capitulação da dita ilha, datada de 5 de Fevereiro, de maneira que todos os privilegios, direitos, beneficios e prerogativas, confirmadas por aquelle Acto aos habitantes da colonia, se conservem e mantenhão.

II. Para este fim, antes da cessão acima mencionada, a contrahir com Sua Magestade Britanica as obrigaçoens, que se julgarem necessarias, e executar todos os actos conformes a ellas.

III. Conceder aos habitantes de Guadalupe a mesma protecção, e as mesmas vantagens, de que gozão os outros vassallos de Sua Magestade o Rei da Suecia, sempre conforme ás leis e convençoens actualmente existentes na Suecia.

IV. Vedar e prohibir no periodo da cessão, a introducção de escravos da Africa na dita ilha, e outras possessoens de Sua Magestade Sueca nas Indias Occidentaes; e não permittir que os vassallos Suecos negoceem em escravos; obrigação que Sua Magestade Sueca contrahe do melhor grado, porque Ella nunca authorisou aquelle trafico.

V. Excluir, durante a continuação da presente guerra, todos os navios armados e corsarios pertencentes aos Estados, que tem guerra com a Grã Bretanha dos portos e bahias de Guadalupe; e não permittir em algumas guerras para o futuro em que a Grã Bretanha se achar empenhada, e a Suecia ficar neutra, que entrem nos portos da dita colonia, corsarios pertencentes a algum dos Estados belligerantes.

VI. Não alienar a dita ilha sem consentimento de Sua Magestade Britanica; e

VII. Conceder toda a protecção e segurança aos vassallos Inglezes, e aos seus bens, ou elles escolhão desamparar a colonia, ou nella persistir.

Este artigo separado terá força e effeito, como se fosse inscrito, palavra por palavra, no Tratado assignado hoje, e será ratificado ao mesmo tempo.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude dos nossos plenos poderes, havemos assignado o presente artigo separado, e lhe havemos pregado os sellos das nossas armas.

Feito em Stockolmo, a 3 de Março anno de Nosso Senhor de 1813.

Alexandre Hope, (L. S.)
Ed. Thornton, (L. S.
O Conde d'Engestrom, (L. S.
G. Barão de Wetterstedt, (L. S.)

Tratado entre a Russia e a Suecia.

Resumo das obrigaçoens entre as Cortes de S. Petersburgo e Stockolmo, assignados em S. Petersburgo, a 24 de Março de 1812, ás quaes se refere o Tratado entre o Rei da Gran Bretanha e o da Suecia, assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813.

O Objecto do Imperador da Russia e do Rei da Suecia, em formarem huma alliança, he affirma ser com o fim de segurarem reciprocamente seus estados e possessoens contra o commum inimigo.

O Governo Francez, havendo commettido hum acto de hostilidade contra o Governo Sueco, occupando a Pomerania Sueca, e a marcha dos seus exercitos havendo ameaçado a tranquilidade do Im-

perio da Russia, as partes contractantes se obrigão a fazer huma diversão contra a França e seus alliados com huma força combinada de 25 ou 30,000 Suecos, e de 15 ou 20,000 Russos, sobre aquelle ponto da Costa da Allemanha, que se julgar mais conveniente para este fim.

Como o Rei da Suecia não pode fazer esta diversão a favor da causa commum, combinada com a segurança dos seus dominios, em quanto puder considerar o reino da Noruega como inimigo, Sua Magestade o Imperador da Russia se obriga, ou por negociação, ou por cooperação militar, a unir o Reino da Noruega á Suecia. Obriga-se mais a garantir a pacifica posse delle a Sua Magestade Sueca.

As duas Partes Contratantes se obrigão a considerar a acquisição da Noruega pela Suecia como huma operação militar preliminar para a diversão na Costa da Allemanha, e o Imperador da Russia promette para este objecto, pôr á disposição, e debaixo das immediatas Ordens do Principe Real da Suecia, o corpo de tropas Russas acima estipulado.

As duas Partes Contractantes não querendo (huma vez que isto se possa evitar) fazer do Rei de Dinamarca hum inimigo, proporão a aquelle Soberano que annua á esta alliança, e offerecerão a Sua Magestade Dinamarqueza procurar-lhe huma completa indemnisação pela Noruega, com hum territorio mais contiguo aos seus dominios na Allemanha, com tanto que Sua Magestade Dinamarqueza ceda para sempre ao Rei da Suecia os seus direitos ao Reino da Noruega.

Caso que Sua Magestade Dinamarqueza recuse esta offerta, e se decida a ficar em alliança com a França, as duas Partes Contratantes se obrigão a considerar a Dinamarca como inimiga.

Como se tem expressamente estipulado que a obrigação de Sua Magestade Sueca para cooperar

com as suas tropas na Allemanha em favor da causa commum, não terá effeito senão depois que a Suecia adquirir a Dinamarca, ou por cessão do Rei de Dinamarca, ou em consequencia de operaçoens militares, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a transportar o seu exercito a Allemanha, segundo hum plano de campanha, em que se convier, logo que se houver effectuado o objecto referido.

As duas Potencias convidão a Sua Magestade Britannica para annuir e garantir o ajuste contido neste Tratado.

Por huma consequente Convenção, assignada em Abo a 30 de Agosto de 1812, a força auxiliar Russa deve ser levada a 35,000 homens.

BIOGRAPHIA.

Conde de Wittgenstein.

O Pai deste Heroe entrou no serviço da Russia, e era Tenente General no tempo da Imperatriz Catharina II, sendo empregado muito honrosamente nas guerras daquelle reinado. Era descendente da familia de Wittgenstein, da qual o ramo mais antigo hombrea com os Principes do Imperio Germanico, e tem aquelle titulo. Foi primeiramente casado com a Condeça Tinkenstein, tambem de huma familia de Principe em Allemanha; e sua segunda mulher foi huma Princeza Russa Dolgorouki, de quem não houve prole. O presente Conde Wittgenstein, seu filho da primeira mulher, esteve com seu Pai na Russia Pequena até a idade de 13 annos; em que foi levado para Petersburgo, e educado em caza do Feld-Marechal Conde Soltykoff, com tres filhos seus, entre os quaes o Conde Ale-

xandre tem creditos de hum eminente politico. O Feld-Marechal, que ainda vive, estava n'aquelle tempo encarregado da educação do actual Imperador e do Grão Duque Constantino. O pai do Conde Wittgenstein tinha estados, que lhe forão dados por seus serviços na Podolia, que o filho actualmente possue, adquirindo mais alguns bens, casando com huma senhora de nome Snarsky, no Governo de Vitepesk. Ambos estes estados são de valor consideravel, ainda que as suas rendas não são proporcionadas ao presente estado do Conde, nem ao numero de sua familia, que se compoem de seis filhos e huma filha. Os seus ultimos serviços forão premiados com huma pensão liberal da Coroa. Desde o principio da sua carreira militar se distinguio como hum dos melhores officiaes da Russia, e agora he adorado pelos seus soldados como hum heroe, e igualmente respeitado pela sua Patria.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Outubro.

ORação de acção de graças, recitada na Capella Real do Rio de Janeiro, celebrando-se o 5.º anniversario da chegada de S. A. R. com toda a Sua Real Familia a esta Cidade. Por Januario da Cunha Barboza, Pregador da Real Capella, Professor de Philosophia &c.

O A. tomou o seu thema do Cap. 23 do Levitico, em que Moyses manda celebrar a liberdade do povo Hebreu no mez de Março. Deduz o seu exordio da gratidão, com que se deve corresponder a assignalados beneficios, comprovada com o exemplo que o texto lhe offerece, o qual compara com o desvello, com que a Providencia defendeu a S. A. R. dos laços cavillosos do Despota do Continente.

Passa depois a algumas reflexoens sobre a justiça da causa, que sustentamos.

A 1.ª reflexão he fundada na depravação da França e preservação de Portugal, e de Hespanha; e deriva desta a espectativa de que a Peninsula devia ser o berço da liberdade do Continente. Esta teve principio na generosa resolução, com que S. A. R. sahio de Portugal.

A má fé comprovada por infracçoens de tratados, por violentas rapinas, por injustas invasoens, e mais que tudo pela nossa neutralidade illudida, he o argumento, que firma a sua proposição.

A figura, a que os Rhetoricos chamão Preterição, faz tocar levemente o jubilo dos habitantes desta Cidade no dia 7 de Março, realçado pela recordação (ainda que leve) dos assombrosos males, que se desviarão da Augusta Cabeça de S. A. R. A aleivosa prisão de Fernando VII he hum exemplo bem sensivel, em quanto por outra parte a derrota dos tiranos em Vimeiro foi correspondida pela sua expulsa de Caena, de que he hum devoto monumento a Imagem da Senhora da Victoria recebida na casa do novo Obdedon.

Reflecte então sobre as progressivas perdas dos inimigos nas tres differentes invasoens, sobre as victorias, que accompanharão as armas alliadas; dignas da grande causa: victorias que despertarão as naçoens, que seguirão o seu brioso exemplo para sacudirem o jugo estranho, que sobre ellas pezava.

Remata o seu discurso exhortando os ouvintes a que nos empenhemos por merecer a protecção do Ceo, evitando a corrupção dos costumes: e convidando-os ao justo rigozijo por tão digno motivo; e a supplicar ao Omnipotente a paz, que dará mais realce á festividade daquelle dia memoravel.

Este ligeiro esboço dá huma idéa muito imperfeita do Discurso. Os ornatos de eloquencia dão vida a este esqueleto, e o apresentão com todo o

sem garbo: por tanto só a leitura da Oração póde dár ao Leitor o verdadeiro conhecimento do apreço, que ella merece.

O Juramento dos Numes, Drama para se representar na abertura do Real Theatro de S. João, por D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

He tão importante o assumpto deste Drama, que mal nos permitte fixarmos a nossa attenção no seu desempenho. Este trabalho vem mesmo a ser inutil, quando o Poeta na sua Advertencia declara que nas composiçoens dete genero não se deve exigir o severo cumprimento dos preceitos Dramaticaes: hajão vista a Voltaire, &c.

Se isto quer dizer que os preceitos do poema dramatico e lyrico são differentes das regras da Comedia e da Tragedia, he huma verdade innegavel. Se quer dizer que não tem absolutamente regra, que he poema de mera phantasia, os Mestres da Arte decidirão este ponto. Sei apenas que muitos Autores tem tratado este objecto com bastante critica. Admiro particularmente J. J. Rousseau, que empregou a delicadeza do seu juizo em observaçoens analogas: citarei apenas huma, que he filha do bom senso. „ On sentit qu'il ne falloit à l'Opera rien de froid et de raisonné, rien, que le spectateur pût ecouter assez tranquillement pour reflechir sur l'absurdité de ce qu'il entendoit, &c. „. Quanto aos exemplos, eu respeito muitos nomes tão celebres para não annuir ao seu testemunho. Mas Pandora, e o Templo da Gloria, do Tragico Francez, muitas de Metastacio, as bellas Psyche e Amphitrião de Moliere, sem duvida são assás regulares.

O estilo, (diz o mesmo Poeta) que sustento hum pouco levantado, e por ventura improprio da Poesia Dramatica. . .

A Poesia Dramatica, abrangendo differentes ramos, susceptiveis de todos os estilos, não he facil saber qual lhe he improprio: *a locução rasteira he vergonhosa na boca de huma divindade*. Não entraremos no exame do estilo levantado; deixemos isso aos Poetas, que merecem este nome. *Vulgus profanum* não podemos entrar nos mysterios de Apollo. Nada avançaremos sobre a disposição do Drama pela advertencia apontada.

O muito, que estamos avezados á Camoens, nos fez conhecer huma imitação ou copia no papel de Venus: a sua falla a Vulcano tem seus laibos das Est. 39 e 40 do Canto 2.º; a pag. 15 faz lembrar a Est. 33 do Canto 1.º, com bastante saudade. Na pag. 17 pertende imitar Virgilio, dizendo

Nymphas quatorze, que a meu cargo tenho,
De tez nevada, e pudibundas faces
Hão de ser para vós, hão de ser vossas

Até aqui parece que o Poeta tem em vista o Sunt mihi bis septem, &c. ajuntando-lhe *o que a meu cargo tenho*, e a redundancia *hão de ser vossas*. He bellissima a imitação de Camoens no Canto 6.º

Os litteratos estranharão sem duvida Brontes no singular — A ti, Brontes, &c. Nunca vimos senão no plural, e a ethymologia Grega βροντὴ, trovão, indica que o singular desta palavra he Bronte.

Não entreteremos mais o Leitor sobre hum Drama, que as Artes se empenharão em avultar. De passagem tocámos algum lugar, em que teve a Lusiada em vista, para não incorrermos inteiramente na censura de *Montesquieu*. *Ils (les journalistes) n'ont garde de critiquer les livres, dont ils font les extraits, quelque raison qu'ils en aient; et en effet, quel est l'homme assez hardi pour vouloir se faire dix ou douze ennemis tous les mois?*

Continuação do Estado da athmosfera.

Septembro.

Dia.	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo.*
	Grass.	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
20	74	29	13	42	claro
21	72½		13	38	chuvozo
22	74		12		pezado
23	68		15	26	claro
24	64		16	38	dito
25	64		18	4	
26	65		17	10	
27	70		15	10	
28	72½		15	12	chuvozo
29	71		17	18	claro
30	72		14	20	
31	72		12	20	ventozo

Outubro.

1	75	29	12	30	chuvozo
2	70		14	28	claro
3	70½		13	20	
4	73½		14	44	chuvozo
5	72		13	38	
6	68		15	30	
7	65		17	8	
8	67		18	48	
9	71		15	38	claro
10	71		16	18	
11	73		15		
12	71		13	30	
13	73½		15	12	pezado
14	71		16	30	

INDICE.

Memoria sobre os muros de apoio, ou muros, que servem de sustentar as terras. *pag.* 3

AGRICULTURA.

Memoria sobre a Cochonilha e o methodo de a propagar, offerecida aos lavradores Brasileiros, por hum patriota zelozo, e amante da felicidade publica. 11

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem de mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuadas do N.º 3.º pag. 16. 19

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, continuado do N.º 3.º pag. 34. 29

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro. 48

LITTERATURA.

Traducção em versos latinos do Ensaio sobre a Critica de Pope. 63

A Palinodia a Nize, Traduzida de Metastasio. 66

*Traducção de huma passagem do Poema da Imaginação, por Delille, em igual numero de versos que o Original. Por B.**** 70

Ode improvisada, offerecida ao Senhor Alferes Jacome Timotheo de Araujo, Commandante militar da Villa de Paracatú. 71
Soneto ao alvoroço, e alegria, com que os povos da Capitania de Minas Geraes esperavão, e desejavão ver a Sua Excellencia o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde Mylord Strangford, Embaixador de S. M. Britannica junto ao Principe Regente Nosso Senhor, e que pertendia viajar na referida Capitania. 73

POLITICA.

Decreto Imperial de Napoleão datado a 18 de Junho de 1813. 74
Decreto do Principe de Eckmuhl. 76
Finanças e Commercio da Gran Bretanha. 77
Tratado de Alliança e subsidio entre Sua Magestade Britannica, e o Rei da Suecia, assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813. (Remettido ás duas Camaras do Parlamento, Sexta feira 11 de Junho.) 81
Tratado entre a Russia e a Suecia. 87

Obras publicadas nesta Corte no mez de Outubro. 90
Continuação do Estado da athmosfera. 94

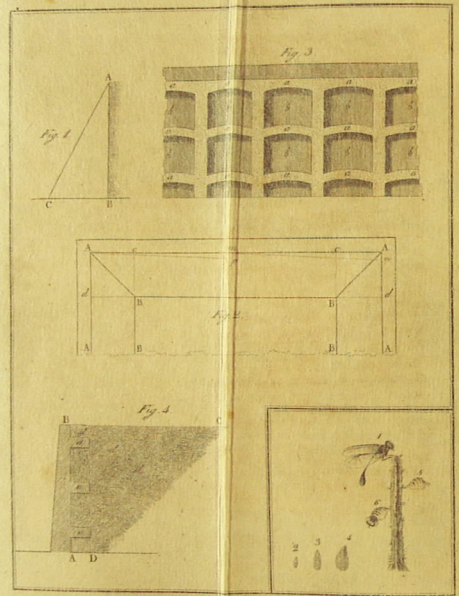
Fig 1
A
C
B
Fig 3
Fig 2
A
B
Fig 4
B
C
A
D
1
2
3
4